

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Letras e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Letras
Mestrado em Estudos da Linguagem



Dissertação de Mestrado

**AS SOANTES PALATAIS DO PORTUGUÊS NA DIACRONIA E NA AQUISIÇÃO DA
LINGUAGEM ESCRITA**

Franciele Collovini Tavares

Pelotas, 2019

Franciele Collovini Tavares

**AS SOANTES PALATAIS DO PORTUGUÊS NA DIACRONIA E NA AQUISIÇÃO DA
LINGUAGEM ESCRITA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora Professora Doutora Ana Ruth Moresco Miranda

Pelotas, 2019

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

T231s Tavares, Franciele Collovini

As soantes palatais do português na diacronia e na aquisição da linguagem escrita / Franciele Collovini Tavares ; Ana Ruth Moresco Miranda, orientadora. — Pelotas, 2019. 89 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

1. Soantes palatais. 2. Aquisição da escrita. 3. Diacronia. I. Miranda, Ana Ruth Moresco, orient. II. Título.

CDD : 418

Elaborada por Maria Inez Figueiredo Figas Machado CRB: 10/1612

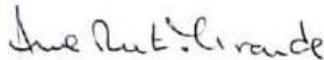
Franciele Collovini Tavares

**As soantes palatais do português na diacronia e na aquisição da linguagem
escrita.**

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Letras, Área de concentração Estudos da Linguagem, do programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pelotas.

Pelotas, 25 de março de 2019

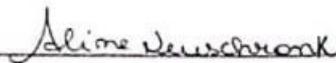
Banca examinadora:



Profa. Dra. ANA RUTH MORESCO MIRANDA

Orientadora/Presidente da banca

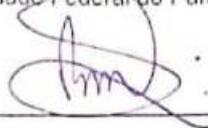
Universidade Federal de Pelotas



Profa. Dra. ALINE NEUSCHRANK

Membro da Banca

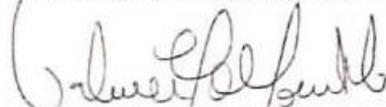
Universidade Federal do Pampa



Prof. Dr. PAULO RICARDO SILVEIRA BORGES

Membro da Banca

Universidade Federal de Pelotas



Profa. Dra. VALÉRIA NETO DE OLIVEIRA MONARETTO

Membro da Banca

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

***Ao amor mais puro e incentivo constante,
minha família.***

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus por ter me dado força, discernimento e sabedoria para não desistir diante dos obstáculos que surgiram durante esses dois anos intensos.

Aos meus pais, pelo amor, esforço incondicional e cuidado que tiveram com meus filhos e comigo, sem o qual eu não teria conseguido chegar até aqui. Obrigada pelo amor e esforço diário que tiveram conosco durante o tempo que estive ausente, por serem nossa fortaleza. O aprendizado e amor que me transmitem constantemente fizeram minha caminhada mais leve.

À minha irmã Fabiele, por toda a ajuda, incentivo e palavras que me fortaleceram e ajudaram a seguir quando as dificuldades surgiram. Tua força e exemplo foram essenciais nessa jornada.

À minha filha Rafaella pelo amor e compreensão que teve nos momentos de ausência e pela pequena guerreira que és. Tua luta e força me ensinaram a ser forte quando o medo tomou conta de mim. Teu olhar de força frente ao susto que vivemos em 2018 foi e será meu exemplo de vida e incentivo.

Ao meu filho Arthur, pelo carinho e maturidade ao entender minha ausência em sua rotina. Tuas ligações e palavras de incentivo me fortaleceram.

À minha orientadora, professora Ana Ruth Moresco Miranda, pelo aprendizado e experiências acadêmicas proporcionadas, pelo incentivo e pela confiança dedicados a mim e meu trabalho.

À colega e amiga, Mariana Ávila, pelo ombro amigo, pelas noites em que passamos acordadas em busca de aprendizado, pela parceria na vida acadêmica e nas tantas experiências que vivemos nestes dois anos. Obrigada por dividir tua família e teu espaço comigo, tua amizade foi essencial para a conclusão desta etapa.

Ao professor e amigo, Marco Adamoli, pela ajuda, pelo aprendizado passado a mim, pelas oportunidades acadêmicas que me proporcionou e, principalmente, por acreditar no meu trabalho.

Aos amigos Victoria Renner e Carlos Ossanes, que mesmo distante foram sempre presentes na minha caminhada, pelo amor, compreensão e incentivo a mim dedicados.

Ao colega e amigo Maurício Signorini pela amizade e parceria nesses dois anos, que tornaram a jornada mais leve.

Aos colegas do GEALE pelo conhecimento compartilhado e amizade nos últimos anos.

A todos que, de alguma forma, fizeram parte da minha caminhada.

À CAPES pela bolsa concedida.

RESUMO

Tavares, Franciele Collovini. **As soantes palatais do português na diacronia e na aquisição da linguagem escrita**. 2019. 98f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

As soantes palatais do português, a nasal e a líquida, foram introduzidas no sistema a partir de processos ocorridos durante a evolução do latim ao português, os quais, de acordo com Silva (2001), são decorrentes do fenômeno da palatalização. Para Matzenauer-Hernadorena (1994), do ponto de vista melódico, isto é, em termos segmentais, as soantes palatais têm uma estrutura complexa pois apresentam em sua geometria de traços duas articulações, uma primária no ponto de consoante e outra secundária no nó vocálico. Considerando-se a complexidade dessas duas consoantes, esta dissertação tem o objetivo de investigar o comportamento das soantes palatais, considerando-se a diacronia e a aquisição da escrita. Para tanto são abordados os processos envolvidos na evolução do latim ao português dessas duas soantes, tendo-se em vista os aspectos fonológicos envolvidos, bem como os estudos sobre aquisição da fonologia, a fim de que se possa refletir sobre o processo de aquisição da linguagem escrita. Para a composição do corpus da pesquisa foram analisados dados de escrita de crianças brasileiras e portuguesas pertencentes aos estratos 3 e 4 do BATALE - Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita. A amostra utilizada para análise dos processos envolvidos na diacronia das soantes palatais foi composta por dados extraídos de livros que tratam da evolução histórica do latim ao português. Os resultados demonstraram que os processos verificados na diacronia e na aquisição ocorrem em direções opostas. É possível observar nos dados que há uma simplificação das consoantes complexas pelas crianças na aquisição da escrita enquanto ocorre o processo inverso na diacronia das soantes palatais.

Palavras-chave: soantes palatais; aquisição da escrita; diacronia

ABSTRACT

Tavares, Franciele Collovini. **The Portuguese palatal sounds in diachrony and in the acquisition of written language**. 2019. 98p. Dissertation (Master's Degree in Linguistics) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

The Portuguese palatal sounds, nasal and liquid, were introduced into the system from processes that occurred during the evolution from Latin to Portuguese, which according to Silva (2001), are due to the phenomenon of palatalization. According to Matzenauer-Hernadorena (1994), from the melodic point of view, that is, in segmental terms, the palatal sound has a complex structure because present in their geometry two articulations, a primary at the consonant point and a secondary at the vocalic node. Considering the complexity of these two consonants, this dissertation aims to investigate the behavior of palatal sound, considering diachrony and writing acquisition. For this are approached the processes involved in the evolution of the Latin to Portuguese of these two sounds, considering the phonological aspects involved, as well as the studies on the acquisition of phonology, in order to reflect on the process of acquisition of written language. For the composition of the corpus of the research, written data of Brazilian and Portuguese children belonging to strata 3 and 4 of *BATALE - Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita* were analyzed. The sample used for the analysis of the processes involved in the diachrony of the palatal sound was composed by data extracted from books that deal with the historical evolution from Latin to Portuguese. The results demonstrated that the processes verified in the diachrony and the acquisition occur in opposite directions. It is possible to observe in the data that there is a simplification of the consonants complex by the children in the acquisition of writing while the inverse process occurs in the diachrony of the palatal sound.

Keywords: palatal sound; acquisition of writing; diachrony.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Sistema fonológico das consoantes do Latim Clássico.....	17
Figura 2 Sistema fonológico das consoantes do Latim Vulgar.....	18
Figura 3 Evolução do grupo consonantal cl.	21
Figura 4 Sistema consonantal da primeira fase do Português Arcaico	23
Figura 5 Sistema consonantal da segunda fase do Português Arcaico.	24
Figura 6 Sistema consonantal do Português Moderno.....	26
Figura 7 Ordem de aquisição das consoantes do português.	29
Figura 8 Representação da consoante complexa.	30
Figura 9 Não ligamento da articulação secundária da consoante complexa.....	31
Figura 10 Relações entre o conhecimento fonológico e a aquisição da escrita.	33
Figura 11 Exemplos de grafias das soantes palatais extraído do BATALE.....	37
Figura 12 Representação do diagrama arbóreo.....	39
Figura 13 Representação do nó de lugar.	42
Figura 14 Estratos BATALE.	46
Figura 15 Acertos e erros da líquida palatal.	51
Figura 16 Grafias do Estrato 3.	53
Figura 17 Tipos de erros encontrados da líquida palatal.....	53
Figura 18 Acertos e erros da nasal palatal.	55
Figura 19 Tipos de erros encontrados da nasal palatal.....	57
Figura 20 Acertos e erros da líquida palatal.	60
Figura 21 Percentual dos tipos de erros encontrados com lh.	62
Figura 22 Acertos e erros da nasal palatal.	66
Figura 23 Tipos de erros em percentuais da palatal nasal.....	68
Figura 24 Representação da sequência [li] a partir de uma consoante complexa. ...	74
Figura 25 Representação do desligamento da constrição primária consonantal da consoante complexa /ɫ/.	75
Figura 26 desligamento da constrição secundária vocálica do segmento complexo.	76
Figura 27 Grafias do estrato 4 - BATALE.	77

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Tipos de processos envolvidos na evolução das líquidas palatais.	27
Tabela 2. Tipos de processos envolvidos na evolução da palatal nasal	28
Tabela 3: Estratégias usadas na aquisição do /ɲ/ e do /ʎ/	31
Tabela 4. Erros de grafia das soantes palatais	36
Tabela 5. Amostras da pesquisa	47
Tabela 6. Dados do Estrato 3.....	50
Tabela 7. Tipos de erros da líquida palatal – crianças brasileiras	51
Tabela 8. Distribuição de erros por série.....	52
Tabela 9. Tipos de erros da nasal palatal	55
Tabela 10. Percentual de erros da nasal palatal em cada série.....	56
Tabela 11. Dados do Estrato 4.....	59
Tabela 12. Tipos de erros com a líquida palatal.....	61
Tabela 13. Percentual de erros da líquida palatal em cada série.....	62
Tabela 14. Erros da nasal palatal.....	67
Tabela 15. Percentuais de erros em cada ano escolar.	68
Tabela 16. Erros da líquida palatal com influências fonológicas	72
Tabela 17. Erros da nasal palatal com influência fonológica.....	73
Tabela 18. Contextos de apagamento da líquida palatal	77
Tabela 19. Contextos de apagamento da palatal nasal.	79
Tabela 20. Contexto de inserção da nasal palatal.....	79
Tabela 21. Processos observados na aquisição da escrita.....	81
Tabela 22. Processos observados na diacronia da líquida palatal.....	81
Tabela 23. Processos observados na aquisição da escrita da nasal palatal.....	84
Tabela 24. Processos observados na diacronia da nasal palatal.....	84

SUMÁRIO

Introdução	10
1 Referencial teórico	15
1.1 Diacronia.....	15
1.2 Aquisição da escrita.....	29
1.3 Teoria Autossegmental.....	38
2. Metodologia	44
2.1 Objeto de Estudos	44
2.2.1 Aquisição da escrita	45
2.2.2 Amostras estudadas - seleção e organização.....	47
2.3 Comparação dos dados.....	48
3 Análise e discussão dos dados	50
3.1 Grafias das soantes palatais	50
3.1.1 Grafias das soantes palatais – crianças brasileiras	50
3.1.1.1 Descrição dos dados da líquida palatal.....	51
3.1.1.2 Descrição dos dados da nasal palatal	54
3.1.2 Grafia das soantes palatais - crianças portuguesas	59
3.1.2.1 Descrição da líquida palatal.....	59
3.1.2.2 Descrição dos dados da nasal palatal	66
3.2 Erros fonológicos das soantes palatais /ɫ/ e /ɲ/ - Crianças brasileiras e portuguesas	72
3.3 Comparação entre dados de aquisição da escrita e da diacronia	81
3.3.1 Líquida palatal	81
3.3.2 Nasal palatal	84
4 Considerações finais	87
Referências	89

Introdução

A importância da relação entre a diacronia e a aquisição da linguagem nos estudos linguísticos dá-se ao fato de que em ambas perspectivas ocorrem processos de transformação da língua, que se registram por meio de grafias, e essa relação se deve, principalmente, a aspectos fonológicos. Ao tratar dessa relação entre diacronia e aquisição, Borges (1996) salienta a importância da linguística diacrônica para a compreensão de certos fenômenos fonológicos que ocorrem na língua. Para o autor, não existe contradição entre sincronia e diacronia, pois através da reconstituição da cadeia que envolve os fatos linguísticos é possível compreender melhor um dado momento da história da língua.

Na evolução do latim ao português, o sistema consonantal sofreu alguns processos fonológicos, assim como os que ocorrem na aquisição da linguagem e da escrita. No sistema consonantal do latim clássico não havia as consoantes palatais /ʎ, ɲ, ʝ, ʒ/, que surgiram a partir de processos ocorridos durante a evolução do latim ao português. Dentre eles, têm-se os que envolvem o surgimento das soantes palatais /ʎ, ɲ/, consoantes que suscitam discussões sobre seu status fonológico e que, por seu comportamento peculiar, são consideradas complexas por autores como Matzenauer-Hernandorena (1994) e Wetzels (2000).

Do ponto de vista melódico, isto é, em termos segmentais, as soantes palatais /ʎ/ e /ɲ/, de acordo com Matzenauer-Hernandorena (1994), são segmentos complexos por apresentarem em sua geometria de traços (CLEMENTS e HUME, 1995) duas articulações, sendo uma primária no ponto de consoante e outra secundária no ponto de nó vocálico. Já Wetzels (2000) argumenta que as consoantes palatais do português são geminadas por apresentarem dois tempos fonológicos ligados a um único nó de raiz e por ocorrerem exclusivamente em posição intervocálica, nunca sendo precedidas de consoantes ou de ditongos.

A abordagem diacrônica permite o entendimento dos processos ocorridos na evolução das línguas. Assim, considerando as mudanças do latim às línguas românicas, muitos segmentos se conservaram e outros surgiram. Ao tratar da maneira como ocorre a mudança, Weinrich Labov e Herzog ([1975], 2006) afirmam que a generalização da mudança linguística através da estrutura linguística não é

uniforme nem instantânea; ela envolve a covariação de mudanças associadas durante substanciais períodos, e está refletida na difusão de isoglossas por áreas do espaço geográfico.

No português, língua românica, é possível observar alguns metaplasmos ocorridos durante a evolução fonológica desde a língua mãe. O sistema consonantal do latim clássico era composto por 17 consoantes, com o passar do tempo ocorreram alguns processos que constituíram, assim, o sistema consonantal do português. De acordo com Teyssier (2004), os primeiros textos escritos em português surgiram no século XIII e nessa época a língua portuguesa não se distinguia do galego, falado na província (hoje espanhola) de Galícia.

Visto que as consoantes palatais /ç, ɲ, ʃ, ʒ/ não estavam presentes no sistema consonantal do latim clássico, as palatalizações românicas, não só as portuguesas, resultam de complexas mudanças fonéticas. Para Silva (2001), a palatal líquida /ç/ resulta da palatalização de sequências como: /li, lli, kl, gl, pl/; e a palatal nasal /ɲ/, do processo de palatalização de /ni/.

No processo de aquisição da linguagem, a criança vai desenvolvendo o conhecimento sobre as unidades e as regras de funcionamento da língua em todos os âmbitos da gramática, inclusive o fonológico. Os segmentos consonantais e vocálicos vão sendo adquiridos progressivamente para compor o sistema linguístico das crianças. Essa progressão se caracteriza pelo aumento da complexidade segmental e prosódica dos segmentos e das estruturas menos complexos que são adquiridos mais precocemente. Então, o conhecimento fonológico vai ganhando complexidade com formas que são adquiridas mais tardiamente. Matzenauer (2002) destaca que um aspecto comum à aquisição e à variação são os processos fonológicos empregados em ambos.

Pesquisas em aquisição da linguagem têm mostrado que as soantes palatais são consoantes adquiridas mais tardiamente pelas crianças, sendo a palatal nasal /ɲ/ a partir dos 1:7 (FREITAS, 2004) e a palatal líquida /ç/ em torno dos 3:6 (RIBAS e MEZZOMO, 2004). Estudos de Matzenauer-Hernandorena (2000) apontam as diferentes estratégias que as crianças utilizam ao tentarem produzir as soantes palatais. Para o /ɲ/, a autora encontrou quatro estratégias de produções diferentes e os dados registram que por volta dos 2:0 anos a criança já adquiriu esta consoante. Já para o /ç/ os dados apontaram seis variantes diferentes e o processo de aquisição desta consoante estabiliza por volta de 4:0 anos. Tendo em vista o

período de aquisição das duas soantes e as estratégias produzidas pelas crianças ao adquiri-las, observa-se que quanto mais tardia é a sua aquisição, mais estratégias podem ser realizadas pela criança na tentativa de produção de cada soante.

Já o processo de aquisição da escrita envolve a compreensão dos princípios do sistema alfabético e, portanto, uma atenção aos elementos de segunda articulação da linguagem, os fonemas que serão postos em correspondência com os respectivos grafemas que os representam na escrita. É notório que a criança pensa sobre sua escrita e usa diferentes estratégias para grafia dos sons. Essas estratégias são, de acordo com Miranda (2014) em investigações desenvolvidas pelo GEALE¹, capazes de revelar as hipóteses das crianças sobre o sistema ortográfico que estão adquirindo e o seu conhecimento linguístico.

No que diz respeito ao processo de aquisição da escrita, Teixeira e Miranda (2008), ao analisarem dados de crianças de 1^a a 4^a séries do ensino fundamental, verificaram que as estratégias da aquisição da escrita se assemelham àquelas utilizadas na aquisição da fala. Dessa forma, anunciando algum tipo de complexidade em relação às grafias dessas consoantes, o que pode indicar um reforço à proposta de Matzenauer-Hernandorena (1994), que define as soantes palatais como complexas.

Considerando-se a complexidade das soantes palatais, tanto no processo de aquisição da fala como na evolução do latim ao português, o presente trabalho se justifica pela relevância dos dados de escrita inicial, extraídos do BATALE², os quais são capazes de acrescentar argumentos a discussões referentes à fonologia, uma vez que se tratam de dados de aquisição de linguagem. Além disso, são escassos os estudos que tratam da diacronia das soantes palatais no português brasileiro relacionando-a com a aquisição da fala e da escrita.

Ao tratar da importância da relação dos estudos sincrônicos com os diacrônicos da língua, Borges (1996) afirma que a capacidade de estudar uma língua implica, além do conhecimento de determinada fase, o conhecimento de

¹ O GEALE será descrito no capítulo da metodologia deste trabalho.

² O BATALE - Banco de Textos de Aquisição da linguagem Escrita- será descrito na metodologia deste estudo.

outros períodos evolutivos pelos quais a língua passou para que a análise de certos fenômenos esteja inserida numa visão evolutiva.

Assim sendo, o objetivo deste estudo é investigar o comportamento das soantes palatais, considerando-se a diacronia e a aquisição da escrita. Em vista disso, os objetivos específicos do estudo baseiam-se em:

- i. Levantar apontamentos e considerações a respeito das soantes palatais, com base em dados de gramáticas históricas;
- ii. Descrever e analisar os processos observados na aquisição da escrita das soantes palatais do português, com base em dados de escrita inicial;
- iii. Comparar os processos encontrados na diacronia e na aquisição da escrita das soantes palatais, considerando aspectos fonológicos.

Dessa forma, a pesquisa foi dividida em três momentos: levantamento de dados, descrição e análise e comparação dos dados. Foram dois os corpora utilizados, o primeiro relativo a dados de diacronia e, o segundo, a dados de aquisição da escrita. Para o levantamento dos processos que ocorreram na diacronia, realizou-se a revisão bibliográfica de gramáticas históricas, em que os processos de evolução das soantes palatais foram observados. Para os dados de aquisição da escrita foram utilizados dados do BATALE. Em um momento posterior, fez-se a descrição e análise dos dados de aquisição da escrita das soantes palatais e, por fim, a comparação dos processos encontrados na diacronia com os da aquisição da escrita das soantes palatais.

À vista disso, o estudo tratará de uma revisão bibliográfica em gramáticas históricas, dos apontamentos sobre os processos envolvidos na evolução das soantes palatais, tópicos do sistema consonantal latino e a evolução que ocorreu até formação do sistema consonantal do português, se detendo especificamente nos processos de palatalização, sob a perspectiva de alguns autores. Na sequência, tratou-se da aquisição da escrita dessas duas consoantes no português. A Teoria Autossegmental (CLEMENTS e HUME, 1995) e a Teoria de Restrição e reparo (CALABRESE, 1988) também são abordadas no estudo, visto que estas teorias darão suporte para a análise comparativa entre dados de aquisição da escrita e processos envolvidos na diacronia. O capítulo seguinte é destinado à metodologia empregada para o desenvolvimento do trabalho. No capítulo subsequente realiza-se a descrição e análise dos dados de aquisição da escrita. O capítulo de encerramento

trata da comparação dos dados da aquisição da escrita com os processos que ocorreram na diacronia das soantes palatais. E, por fim, são tecidas as considerações finais desta dissertação.

1 Referencial teórico

Neste capítulo são trazidas informações teórico-conceituais que dão suporte para o desenvolvimento deste estudo: a primeira seção trata da descrição diacrônica do latim até a formação da língua portuguesa; a segunda aborda tópicos e estudos que dão suporte para estudos em aquisição da escrita; e a terceira seção trata da teoria autosegmental (CLEMENTS e HUME, 1995) e de tópicos da teoria de marcação e reparo proposta por Calabrese (1988).

1.1 Diacronia

Tendo em vista que as línguas mudam com o tempo e que durante o processo de evolução passam por transformações comuns de toda língua falada, a evolução das línguas foi e continua sendo objeto de estudo. O processo de transformação das línguas é sempre lento e, no caso do latim ao português, necessitou de vários séculos até a completa transformação, resultando no português moderno. Segundo Williams (2001), os registros mais antigos do português surgiram no final do século XII, marcando o início histórico do português arcaico. De acordo com Câmara Jr. (1975), a língua escrita reflete as condições da língua comum e acompanha sua evolução. Com base nesse pressuposto, o autor divide a língua portuguesa em período arcaico, que vai até o séc. XV e o período seguinte em moderno.

Câmara Jr. (1975) distingue essas duas fases por traços característicos de natureza fonológica, gramatical e lexical:

No léxico, a partir do séc. XVI, o português se destaca por um grande acervo de palavras e derivações tomadas de empréstimo ao Latim Literário da Antiguidade, às vezes por via do italiano. Em referência à norma linguística, é no séc. XVI que ela começa a se organizar disciplinadamente, por meio das primeiras gramáticas (Fernão de Oliveira, João de Barros, Duarte Nunes de Leão). É costume ainda considerar, secundariamente, um período clássico, para os sécs. XVI e XVII, e outro pós-clássico para os séculos subsequentes. [...] do ponto de vista do português oral comum, ou

língua nacional em sentido amplo, há diferenças gramaticais nítidas entre os sécs. XVI e XVII, de um lado, e, de outro lado, os séculos subsequentes. Tudo indica, até, que a fonologia em se assenta a pronúncia padrão do português europeu atualmente, é posterior ao séc. XVII (CAMARA JR, 1975, p. 20-21).

No caso do latim, havia um maior valor do latim escrito ou clássico em relação ao latim falado ou vulgar. O latim, enquanto língua viva, sofreu constantes transformações e teve, em suas variedades, o latim clássico e o latim vulgar. Seguindo Borges (1996), adotou-se o termo latim vulgar para o latim falado no cotidiano e não como termo pejorativo. O latim clássico, linguagem mais rebuscada, era empregado na literatura e pela parcela da população romana que tinha acesso à educação e era pertencente às classes sociais mais altas.

A tradição literária do latim teve seus primeiros registros no século III a. c., antes disso, havia apenas inscrições sem valor literário, que expunham os traços da língua falada pelo povo. Já o latim vulgar era usado pelas pessoas incultas e analfabetas, dentre elas estavam os soldados, agricultores, escravos, artistas de circo e homens livres, com a finalidade de comunicação mais rápida entre as pessoas. O latim vulgar foi se expandindo em relação ao latim clássico, entretanto, não houve uma sucessão de uma língua pela outra, ambas coexistiram. Porém, o latim clássico foi perdendo espaço para o latim vulgar devido ao uso mais recorrente entre as classes menos instruídas e, de fato, era tido como um falar das classes populares.

De acordo com Coutinho (1976), a expansão do latim vulgar deu-se da seguinte forma:

Contido durante muito tempo, em suas expansões naturais, pela ação dos gramáticos da literatura e da classe culta, o latim vulgar se expande livremente mais tarde, com a ruína do Império Romano e o avassalamento dos seus domínios pelas hordas bárbaras, cuja consequência foi, e não podia deixar de ser, o fechamento de escolas e o desaparecimento da aristocracia, onde se cultivavam as boas letras. (COUTINHO, 1976, p. 30-31)

Segundo Ilari (2000) e Coutinho (1976), o material linguístico do qual se reconstitui o latim clássico pode ser bem representado nas obras de autores como Cícero, Augusto e Virgílio que, graças a copistas da Idade Média, puderam chegar aos estudiosos e ser a variedade do latim mais conhecida nos dias de hoje. Já o material linguístico que se tem do latim vulgar não é tão completo quanto o do latim clássico. As principais fontes referentes ao latim falado ou vulgar são:

- i. as correções dos gramáticos em frases errôneas usadas, através do *Apendix Probi* (sec. IV);
- ii. as obras de autores que usavam expressões populares em seus inscritos;
- iii. as inscrições de alguns artistas plebeus;
- iv. as faltas ocasionais de autores cultos;
- v. a análise das línguas românicas.

Visto que este trabalho visa analisar a evolução fonológica do latim, optou-se por usar dados do latim vulgar neste estudo, considerando ser esta a língua falada pelo povo e por haver diferenças no sistema consonantal do latim clássico para o latim vulgar. O sistema consonantal do latim clássico era composto por 17 consoantes, incluindo as semivogais /j/ e /w/ e a aspirada /h/, conforme mostrado na Figura 1.

	<i>Bilabial</i>	<i>Lábio-dental</i>	<i>Alveolar</i>	<i>Palatal</i>	<i>Velar</i>	<i>Lábio-velar</i>	<i>Uvular</i>
<i>Plosiva</i>	p b		t d		k g	k ^w g ^w	
<i>Fricativa</i>		f	s				h
<i>Nasal</i>	m		n				
<i>Lateral</i>			l				
<i>Vibrante</i>			r				
<i>Semivogal</i>	w				j		

Figura 1 Sistema fonológico das consoantes do latim clássico.

Fonte: NEUSCHRANK, 2015.

Dentre as transformações que ocorreram no latim clássico e no latim vulgar, tem-se os seguintes metaplasmos:

- i. grupos de consoantes + j (tj, kj, dj, gj, lj, nj) que passam para uma pronúncia palatal, por exemplo, iuniu (junho) e folia (folha).
- ii. grupos de consoantes + l (pl, cl, tl, fl) pronunciados com forte palatalização, por exemplo, plicare (chegar), clamare (chamar), vetlu (velho).

Tendo em vista que latim vulgar e latim clássico são duas variedades distintas do latim e que ambas coexistiram, não é possível dizer que uma variedade se sobrepôs à outra repentinamente, o que ocorreu foi uma expansão do latim vulgar em diversas regiões. Deste modo, as transformações decorrentes configuraram o sistema consonantal do latim vulgar apresentado na Figura 2.

	<i>Bilabial</i>	<i>Lábio-dental</i>	<i>Alveolar</i>	<i>Palato-alveolar</i>	<i>Palatal</i>	<i>Velar</i>
<i>Plosivas</i>	p b		t d			k g
<i>Fricativas</i>		f	s			
<i>Nasais</i>	m		n			
<i>Laterais</i>			l			
<i>Vibrantes</i>			r			
<i>Semivogais</i>	w				j	

Figura 2 Sistema fonológico das consoantes do latim vulgar.

Fonte: NEUSCHRANK, 2015.

De acordo com Williams (2001), a diferenciação do latim vulgar de uma região para outra resultou na transformação em diversas línguas românicas devido às seguintes causas:

- i. relativo isolamento geográfico dos grupos entre si;
- ii. desenvolvimento de unidades políticas separadas;
- iii. variação cultural e circunstâncias educacionais;
- iv. período de romanização;
- v. diferenças dialetais na língua dos colonos itálicos;
- vi. substratos linguísticos originais;
- vii. superstratos linguísticos subsequentes.

O período de romanização ocorreu com o desembarque dos romanos na Península Ibérica no ano de 208 e sua chegada constituiu um dos episódios da Segunda Guerra Púnica. A partir disso, os romanos conquistaram o território e todos os povos, com exceção dos bascos, adotaram o latim como língua. Além disso, o latim escrito se manteve como única língua de cultura e o latim falado evoluiu rapidamente, diversificando-se. Por volta de 711, os muçulmanos invadiram a Península e conquistaram o território, sua língua de cultura era o Árabe que também influenciou o falar do povo. Entretanto, os cristãos expulsaram os muçulmanos, reconquistando o território e, assim, se formaram as três línguas peninsulares: o Castelhana no centro, o Catalão a leste e o Galego-Português a oeste.

O português do século IX ao século XII, que não tinha muitas escrituras que comprovassem claramente sua estrutura, chamado português proto-histórico, precedeu o português histórico que surge no final do século XII. Nunes (1975) divide a evolução da língua portuguesa em duas fases: arcaica e moderna, mas admite a existência de outras duas fases: a pré-histórica e a proto-histórica. Coutinho (1976) assume a proposta de Leite de Vasconcelos e sua divisão histórica da língua portuguesa em três grandes épocas: pré-histórica, proto-histórica e histórica, sendo a fase histórica dividida em: arcaica (sec. XII ao XVI) e a moderna (séc. XVI em diante).

Autores como Nunes (1975) e Coutinho (1976) apontam que, mesmo o português já existindo desde o século IX, como provam os poucos documentos que datam esse período, somente a partir XII surgem documentos oficiais escritos. Nesses documentos havia ainda muitos traços linguísticos do latim vulgar, o que comprova que a mudança não é abrupta. O processo de transição de uma língua para outra ocorre de forma gradativa, em que determinados segmentos se

transformam: no caso do latim ao português o que caracteriza o surgimento das consoantes palatais /ʃ, ʒ, ɲ, ʎ/ é o processo de palatalização.

Os registros de escrita deste período de transição entre o latim e o galego-português são documentos redigidos em um latim que não era o usual em documentos na época, conhecido como latim bárbaro; nesses registros é possível observar as formas faladas da língua sendo empregadas, algumas vezes, na escrita. Durante um grande tempo acreditava-se que o galego-português teve seus documentos mais antigos no final do século XII, porém Teyssier (2004), diferentemente do que Nunes e Coutinho apontam, expõe que estudos recentes mostram que os registros mais antigos datam do começo do século XIII.

Os textos que registram a escrita da época são: a poesia lírica, os documentos oficiais e particulares e o início da prosa literária. A poesia lírica, que vai do fim do século XII aos meados do século XIV, é composta pelo Cancioneiro da Ajuda, Cancioneiro da Vaticana e Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa. Esses cancioneiros são divididos em três categorias de poesia: cantigas d'amigo, poemas de amor com traços populares e cujo eu-lírico é a mulher; cantigas d'amor, poemas mais eruditos, nos quais o eu-lírico é o homem; e cantigas d'escárnio que traz poemas satíricos e, muitas vezes, extremamente grosseiros.

Os documentos oficiais e particulares - testamentos, títulos de venda, foros etc. - escritos integralmente em "língua vulgar" surgem no início do século XIII, impulsionando o uso escrito da "língua vulgar" por D. Dinis ao torná-la obrigatória nos documentos oficiais. O testamento de Afonso II é o mais antigo do gênero, datado em 1214. O início da prosa literária dá-se em fins do século XIII, sendo destacados: o Livro de Linhagens de D. Pedro e a Crônica Geral da Espanha de 1344.

Durante a evolução do latim ao português, ocorreram transformações linguísticas para a formação desta nova língua. Dentre as mudanças fonéticas que ocorreram neste período de transição, a palatalização das consoantes é um fenômeno que trouxe mudanças importantes para o sistema fonológico do português. Teyssier (2004, p. 11-13) aponta alguns casos:

- i. palavras com um *i* ou *e* não tônicos, seguidos de uma vogal, eram pronunciadas um *yod* em Latim, por exemplo, *pretium*, *spongia*, *filium*, *seniorem*, *teneo*. Resultaram daí os grupos fonéticos [ty], [dy], [ly], [ny] que se palatalizaram em [tsy], [dzy], [ɕ] e [ɲ].
- ii. quando *l* ou *n* eram seguidos de um *yod*, originário de *i* e *e* em hiato, estas consoantes passaram a /ɕ/ e /ɲ/ palatais ou molhados³, são exemplos: *filium*> filho, *seniorem*> senhor, *teneo*> tenho.
- iii. a evolução do grupo consonantal *cl*, por exemplo, em *oc'lu* o *c* que é pronunciado como [k] passa para *yod* [y]: *oc'lu*> *oylo*. Essa mudança ocorre em todos os falares hispânicos, porém as mudanças seguintes neste grupo consonantal são diferentes para o galego-português, em que o [yl] passa para a palatal [ɕ] ou “molhado” enquanto no castelhano passa para africada [dz], escrita *j*.

Latim clássico	Latim vulgar	Galego-português	Castelhano
ocŭlum	oc'lu	Olho	ojo
auricŭla	orec'la	Orelha	oreja
vetŭlum	vec'lu	Velho	viejo

Figura 3 Evolução do grupo consonantal *cl*.

Fonte: TEYSSIER, 2004.

Sobre os primeiros registros das soantes palatais, Williams (2001) aponta que:

Pedro A. d'Azevedo assevera (RL, IX, 263) que a primeira ocorrência datada de *lh* é num documento de 1269 e a de *nh* num documento de 1273. Entretanto, essas datas podem ser ligeiramente recuadas, pois o Livro de D. João Portel, que Pedro A. d'Azevedo publicou subsequentemente, consigna *lh* (*lha*) num documento de 1265 e *nh* (*em ganhar*) num documento de 1267.

³ Para Cagliari (1974, p. 61) termo “molhados” ou “moles” é usado em contraposição as “duras”. Desde Rousselot, costumava-se usar essa terminologia, referindo-se, sobretudo, aos aspectos auditivos que as consoantes palatais provocam. Mais especificamente, Rousselot empregava “molhados” referindo-se à percepção das palatais; “moles” atribuindo um caráter de fraqueza ao mecanismo de produção de palatalização. “Duras” significava, então, o contrário de palatal. Com a relação ao nível diacrônico, a característica fundamental das palatais era a “instabilidade” como consequência do caráter fraco articulatorio.

A teoria geralmente aceita para a origem dessas grafias é a de que foram elas tomadas de empréstimo provençal (WILLIAMS, 2001, p. 36 - 37).

Sobre o processo de evolução dessas duas consoantes, Williams (2001) aponta que nas primeiras escritas do português o *ni*, *n* e *nn* foram usados para grafar o /ɲ/ e que *li*, *l*, *ll* usados para grafar o /ʎ/. Já Nunes (1967) apresenta os seguintes processos que originaram as soantes palatais:

- os grupos consonantais *cl*, *tl*, *gl*, *pl*, quando em posição intervocálica reduzem-se a *lh*: *speclu* > espelho, *vetlu* > velho, *tegla* > telha e *scopulum* > escolho.
- o *gl*, quando precedido de consoante, torna-se o *lh*: *senglo* > selhos, *cingla* > *sinlha*.
- *gn* transforma-se em *nh*: *ligna* > lenha, *signa* > senha, *cognatu* > cunhado, *cognoscere* > conhecer.

Teyssier (2001) aponta que a consoante nasal /ɲ/ surgiu de /i/ em hiato, separando as duas vogais e eliminando a sequência instável, por exemplo, *vĩ-o* (< *vinu*) > *vinho*, *galĩ-a* (< *gallina*) > *galinha*, em que as sequências *-ĩ-o* e *-ĩ-a* se tornam *inho* e *inha*.

Vasconcellos (1959) ao tratar das consoantes expõe que quando em contato com semivogais, merecem consideração especial como em:

ni > nh: *iuniu* > junho, *linea* > linha

li > lh: *miliu* > milho, *palea* > palha

Spina (2008) ao tratar da grafia de *nh* e de *lh* traz:

Segundo Carolina Michaelis, “a grafia dos sons palatais *lh*, *nh* ainda não estava fixada; oscilava entre *ll*, *nn*; *ly*, *ny*, ou *yn*, e *l-n* simples” e “assim se continuou no século XVI. Fernando Peixoto da Fonseca explica que, por imitação do castelhano, os trovadores erradamente usavam *nn* e *ll* para as atuais *nh* e *lh* que, desde o século XIII, nas chancelarias portuguesas, já tinham sido empregadas com outros símbolos (*ni*, *li* etc.) para o mesmo efeito”. Porém, continua este mesmo autor: “Parece que se vulgarizavam as grafias *nh* e *lh* de origem provençal, ainda na época trovadoresca, na chancelaria de D. Afonso IV ou na de D. Dinis, reformada por escrivães franceses (entre 1270 e 1280), e se enraizaram profundamente na escrita portuguesa” (SPINA, 2008, p. 52).

Os casos de palatalização e os demais processos da evolução do latim ao português não ocorreram todos simultaneamente. Considerando esse fator, é importante destacar que o português arcaico (século XII ao XVI) foi dividido em duas fases: a primeira fase, galego-portuguesa, que tinha uma configuração do sistema consonantal e a segunda fase, portuguesa, que tinha um sistema consonantal diferenciado da primeira, conforme apresentado nas Figuras 4 e 5.

	<i>Bilabial</i>	<i>Lábio-dental</i>	<i>Alveolar</i>	<i>Palato-alveolar</i>	<i>Palatal</i>	<i>Velar</i>
<i>Plosiva</i>	p b		t d			k g
<i>Africada</i>			ts ds	tʃ dʒ		
<i>Fricativas</i>	β	f	s z	ʃ ʒ		
<i>Nasais</i>	m		n		ɲ	
<i>Laterais</i>			l		ʎ	
<i>Vibrantes</i>			r ʀ			

Figura 4 Sistema consonantal da primeira fase do português arcaico

Fonte: NEUSCHRANK, 2015.

	<i>Bilabial</i>	<i>Lábio-dental</i>	<i>Alveolar</i>	<i>Palato-alveolar</i>	<i>Palatal</i>	<i>Velar</i>
<i>Plosivas</i>	p b		t d			k g
<i>Africadas</i>				tʃ		
<i>Fricativas</i>		f v	s z	ʃ ʒ		
<i>Nasais</i>	m		n		ɲ	
<i>Laterais</i>			l		ʎ	
<i>Vibrantes</i>			r ř			

Figura 5 Sistema consonantal da segunda fase do português arcaico.

Fonte: NEUSCHRANK, 2015.

No processo de evolução do português, é importante ressaltar que, entre meados do século XV e fins do século XVII, em Portugal, português e espanhol mesclavam-se, sendo o espanhol também uma língua de cultura de todos os portugueses cultos e usada na escrita da maioria dos escritores portugueses da época. A partir do século XVIII, o francês assume o papel de segunda língua de cultura, pois é através dos livros franceses que os portugueses buscavam sua cultura e contato com o mundo exterior.

A *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*, em 1536, de Fernão de Oliveira representa a primeira gramática do português, a primeira descrição fonética (fonológica) da Língua Portuguesa. Posteriormente surge a *Grammatica da Língua Portuguesa* (1539-1540) de João de Barros. Fernão de Oliveira era renascentista e em seus estudos linguísticos olhava simultaneamente para questões do passado e do futuro. Sua gramática descritiva foi considerada inovadora porque tratava de dados linguísticos que nunca haviam sido descritos e que preenchiavam lacunas linguísticas que havia entre o latim e o português. Além disso, a clareza com que faz a descrição dos sons da língua e dos pontos de articulação, que se aproximam muito daqueles encontrados nas gramáticas modernas, torna a obra ainda mais rica.

Neto (2009) define as gramáticas de João de Barros e de Fernão de Oliveira da seguinte forma:

João de Barros entende que a gramática do português é apenas um passo intermediário na direção da gramática do latim[...] seu empreendimento é eminentemente pedagógico e só alcançará êxito se a gramática do português for um espelho fiel da gramática latina[...] Fernão de Oliveira, por outro lado, pode ousar mais na criação terminológica e fazer uma descrição do português nos parece, no século XXI, mais original e criativa. O objetivo de Fernão de Oliveira não é facilitar o ensino da gramática latina. Seu objetivo não é pedagógico, mas político. Antes de admitir a superioridade do Latim sobre o Português- o que parece ser atitude de João de Barros (e de Nebrija, com relação ao castelhano) - Fernão de Oliveira procura argumentar na direção de uma igualdade entre o português e o latim (NETO, 2009, p. 48).

A *gramática da linguagem portuguesa* trata das classes gramaticais, da sintaxe, das figuras retóricas e principalmente da ortografia, dedicando atenção especial aos sons e às letras. Demonstrando, conforme Cagliari (2009), o gramático estar ciente de que a língua se apresenta aos ouvidos pela fonética e pela ortografia se apresenta aos olhos. Sobre os objetivos de Fernão de Oliveira, Cagliari (2009) ainda diz:

Na prática, ele tinha os seguintes objetivos, ao propor um sistema ortográfico diferente em grande parte do velho uso: 1) Ter como referência a fala culta da corte; 2) Usar o alfabeto latino e tudo que dele podia ser adaptado; 3) Não usar letras que não indicassem algum som; 4) Não deixar som (segmento) sem representação na escrita; 5) Abreviaturas são variantes das formas desenvolvidas; 6) A nasalização vocálica é marcada com o til ou com consoante nasal em posição de coda; 7) Nos ditongos nasalizados, o til ocorre somente na primeira vogal; 8) Algumas letras marcam sons particulares da Língua Portuguesa, como: o Z e o Ç que correspondem a uma fricativa interdental sonora e surda; J e X que correspondem a uma alveopalatal sonora/ surda; 9) O uso de dígrafos marca as palatais: CH, LH e NH; 10) A letra H é marca tradicional de algumas palavras como: hü, he, hi (CAGLIARI, 2009, p. 77).

Apesar de o gramático ter traçado esses objetivos, claramente, durante a produção da gramática, houve algumas variações de ordem da escrita, mas dentro das possibilidades do sistema linguístico do português, o que não comprometeu a qualidade e a organização da gramática. Para Fernão de Oliveira, letra é figura de voz o que possibilitaria o equilíbrio entre sua realidade fônica e sua representação gráfica. Concluindo, assim, havendo mudança na voz, haverá mudança na letra, visto que ambas são partes inseparáveis da mesma unidade abstrata, sendo, então, o gramático o precursor dos estudos fonéticos e fonológicos da língua portuguesa.

Após transformações fonológicas, dentre elas as citadas anteriormente, o sistema consonantal do português moderno é constituído da seguinte forma (Figura 6):

	<i>Bilabial</i>	<i>Lábio-dental</i>	<i>Alveolar</i>	<i>Palato-alveolar</i>	<i>Palatal</i>	<i>Velar</i>
<i>Plosivas</i>	p b		t d			k g
<i>Fricativas</i>		f v	s z	ʃ ʒ		
<i>Nasais</i>	m		n		ɲ	
<i>Laterais</i>			l		ʎ	
<i>Tepe</i>			r			
<i>Vibrante</i>			r			

Figura 6 Sistema consonantal do português moderno.

Fonte: NEUSCHRANK, 2015

Com a descoberta de outros territórios no século XVI, Portugal se destacou e a língua portuguesa, como instrumento de cultura e boa literatura, se expandiu por outras partes do mundo como Brasil, África e outros continentes e ilhas. Com essa expansão para locais com culturas e hábitos tão diversos, era impossível a língua portuguesa manter a rigidez do português de Portugal.

Em 1532, com as capitâneas hereditárias, começa a colonização do Brasil, onde os portugueses, os índios e os negros constituem a população brasileira. A situação linguística do Brasil, na época, era de portugueses, falantes de português europeu; indígenas e africanos aprendendo o português. Além disso, o tupi era a outra língua falada com predominância no país, estando ambas como língua de comunicação no Brasil por muito tempo. Com a intensificação da imigração portuguesa e o desenvolvimento maior dos valores culturais europeus ocorreu o declínio e praticamente a extinção do bilinguismo português e tupi em favor do português.

Câmara Jr. (1975) aponta que no Brasil houve uma tentativa para uma disciplina rígida na escrita, em moldes estritamente europeus. Porém as divergências permaneceram devido à vivificação da língua escrita brasileira que estava em contato com a língua falada comum.

Dentre as oposições do português brasileiro com o português europeu, Noll (2008) expõe a seguinte afirmação sobre as palatais:

No português europeu, a lateral palatal /ʎ/ é pronunciada, analogamente à situação do padrão castelhano, de maneira dorsodental, com a língua encostada nos incisivos inferiores. No Português Brasileiro, /ʎ/ é realizado predominantemente como dorsopalatal, como é o caso do Italiano. [...] Na língua popular brasileira, ocorre uma desfonologização de /ʎ/, sendo que /ɲ/, por um lado se confunde com /l/ e, por outro, com /j/ (NOLL, 2008, p. 75).

Noll (2008) ainda aponta que algumas características do português brasileiro e da língua popular brasileira foram atribuídas ao contato linguístico com as línguas indígenas e africanas. O caso da desfonologização de /ʎ/ da língua popular brasileira, como em [mu'je] ou [mu'le] para a palavra mulher, é decorrente de influências tanto de línguas indígenas quanto africanas.

Com base em estudos⁴ de Camara Jr. (1975), Coutinho (1976), Nunes (1967, 1975), Silva (2001), Teyssier (2004) e Williams (2001) foram verificados os seguintes processos envolvendo a evolução das soantes palatais:

Da líquida palatal foram observados os processos expostos na Tabela 1:

Tabela 1: Tipos de processos envolvidos na evolução das líquidas palatais.

Processo	Exemplos
cl → lh	oc(u)lu > olho
pl → lh	scop(u)lu > scoclu > escolho ⁵
bl → lh	trib(u)lu > trilho

⁴ Foram analisados para este estudo autores que consultaram fontes diretas da língua e outros que fazem suas análises a partir de gramáticas históricas.

⁵ Este processo de formação da líquida palatal foi mencionado apenas por Coutinho (1976).

gl → lh	teg(u)la> telha
tl → lh	vetlu> velho
ll → lh	caballariu> cavaleiro
lli → lh	alliu> alho
li → lh	filiu> filho

No processo de evolução da palatal nasal foram observados os seguintes processos, conforme Tabela 2:

Tabela 2. Tipos de processos envolvidos na evolução da palatal nasal.

Processo	Exemplos
in → nh	vinu> vinho
nn → nh	pinna> penha
gn → nh	pugnu> punho
gl → nh	ung(u)la> unlha> unha ⁶
ni → nh	seniore>senhor

Conforme demonstrado nas Tabelas 1 e 2, o surgimento da palatal nasal e da líquida palatal foram decorrentes de processos fonológicos. Além disso, observa-se que o /ɫ/ é derivado de um número maior de processos que o /ɲ/, porém ambas consoantes derivam de metaplasmos diferentes, o que torna o estudo das soantes palatais importante para o entendimento dos processos fonológicos que envolvem as duas consoantes.

⁶ Nos processos de formação da palatal nasal, apenas Coutinho (1976) menciona esta ocorrência.

1.2 Aquisição da escrita

Como exposto na introdução deste estudo, um dos objetivos deste trabalho é analisar as estratégias usadas pelas crianças no processo de aquisição da escrita das soantes palatais, que são duas consoantes que têm aquisição mais tardia tanto na fala como na escrita. Para isso, faz-se importante que se compreenda como ocorre este processo e quais possíveis estratégias a criança utiliza durante a aquisição.

Na aquisição da linguagem, a criança vai conquistando gradualmente o sistema linguístico e desenvolvendo um conhecimento internalizado sobre o funcionamento e as unidades da língua. Logo, segue uma ordem de aquisição, em que determinados segmentos são adquiridos anteriormente a outros e nesse processo a criança usa estratégias na tentativa da produção dos segmentos que ainda não fazem parte do seu inventário fonológico.

No desenvolvimento linguístico, apesar de toda complexidade inerente às gramáticas, a aquisição de um sistema linguístico ocorre rapidamente, sem apresentar fenômenos estranhos ao funcionamento da língua. Nesse sentido Miranda e Matzenauer (2010) salientam que, durante a aquisição da linguagem, a não realização de segmentos e emprego de um segmento por outro, é considerado natural e, no mais das vezes, equivale a fatos que fazem parte das gramáticas de diferentes línguas.

Considerando que há uma ordem de aquisição das consoantes, Matzenauer e Costa (2017) expõem, no quadro a seguir, a ordem de aquisição desses segmentos no português. A seguir, conforme Figura 7, é possível observar a sequência temporal e os agrupamentos de consoantes ao longo da aquisição dos inventários segmentais. Ambas as palatais têm aquisição mais tardia, sendo a nasal mais precoce e a líquida palatal uma das últimas a serem adquiridas.

<p>/p, b, t, d, f, v, m, n/ >> /k, g, ŋ/ >> /s, z/ >> /l, R/ >> /ʎ/ >> /j, ʒ, r/</p>

Figura 7 Ordem de aquisição das consoantes do português.

Fonte: MATZENAUER e COSTA, 2017.

As soantes palatais têm sua aquisição mais tardia, talvez, por apresentarem estrutura de consoante complexa. A Figura 7 mostra que mesmo as soantes palatais sendo consideradas complexas, são adquiridas em etapas diferentes durante a aquisição da linguagem.

De acordo com a Teoria Autossegmental (CLEMENTS e HUME, 1995), consoantes complexas são aquelas caracterizadas por apresentarem no mínimo duas articulações diferentes, uma articulação primária no ponto de consoante; e uma secundária no nó vocálico. Conforme a Figura 8, é possível observar a representação da soante palatal /ʎ/, consoante complexa.

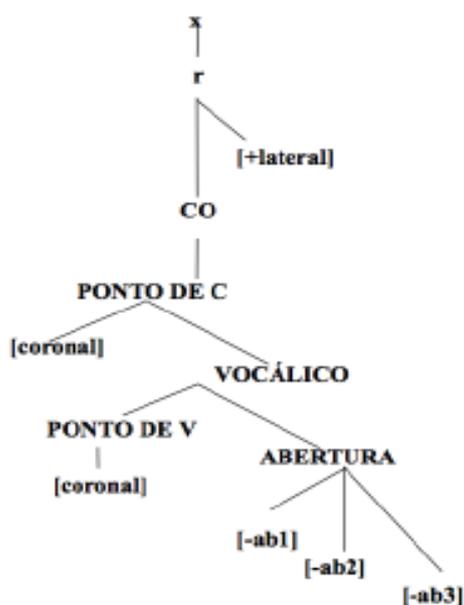


Figura 8 Representação da consoante complexa.

Fonte: MIRANDA e MATZENAUER, 2010

Matzenauer (2000), ao estudar a estrutura segmental das soantes palatais, defende que, embora a nasal palatal emergja anteriormente à líquida palatal, ambas são consoantes complexas e de aquisição mais tardia para a criança. A teoria autossegmental, conforme Matzenauer (1999), permite a segmentação independente dos sons da língua, entendendo que não há uma relação bijetiva entre o segmento e o conjunto de traços que o caracteriza. Assim, os traços podem espriar-se além ou aquém de um segmento e o apagamento de um segmento não implica o desaparecimento de todos os traços que o compõem.

Dessa forma, é possível representar através da teoria autosegmental as estratégias usadas pelas crianças na tentativa de produção dessas duas consoantes. Por exemplo, quando a criança produz *abela* para a palavra *abelha*, ela não estaria ligando a articulação secundária vocálica da consoante complexa, apresentando apenas a articulação primária consonantal, conforme mostra a Figura 9.

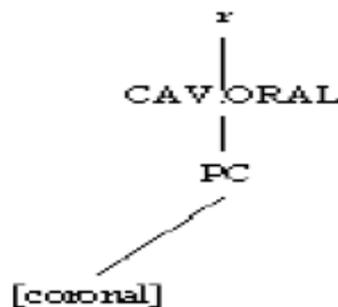


Figura 9 Não ligamento da articulação secundária da consoante complexa.

Fonte: MATZENAUER, 2000.

No que se referem às estratégias usadas pelas crianças durante a aquisição da linguagem das soantes palatais, Matzenauer (2000) verificou para a palatal nasal os seguintes processos: produção de /ɲ/, apagamento da palatal nasal, produção de [j] e produção de [n], conforme indicado nos exemplos da Tabela 3. Para a líquida palatal, a autora observou os seguintes processos: produção da líquida palatal, apagamento da soante palatal, produção da líquida lateral, realização de [j], produção [lj] e realização de [li], de acordo com os exemplos da Tabela 3.

Tabela 3: Estratégias usadas na aquisição do /ɲ/ e do /ʎ/

Alternâncias do /ɲ/	Alternância do /ʎ/
[ɲ] ~ [∅] ~ [j] ~ [n]	[ʎ] ~ [∅] ~ [l] ~ [j] ~ [lj] ~ [li]
sombrinha [sõm'ɔbĩɲa]	telhado [te'ʎadu]
minhoca [mi'ɔka]	palhaço [pa'asu]

xicrinha [si'kiʃa]	espelho [i'pelu]
desenhar [deze'na]	vermelha [ve'meja]
	folha ['folja]
	orelha [o'relia]

Fonte: MATZENAUER, 2000.

No que diz respeito ao processo de aquisição da linguagem, Miranda (2014) expõe que as crianças aprendem a falar naturalmente em um ambiente no qual a linguagem esteja disponível, mas não a ler espontaneamente, apesar de fazerem parte de uma sociedade grafocêntrica. Sobre a forma como ocorre a aquisição da linguagem Miranda e Matzenauer (2010) seguindo a perspectiva de Levelt e Van Der Vijer entendem que em cada estágio do desenvolvimento linguístico a criança, embora em diferente gramática da língua-alvo, apresenta um sistema, uma gramática.

Para as autoras, a criança, durante o desenvolvimento linguístico, apresenta sempre uma gramática condizente com aquelas observadas nas línguas naturais, ou seja, o que as crianças fazem, durante o processo e aquisição, é o que as línguas naturais fazem ou podem fazer.

Dessa forma, considera-se o desenvolvimento linguístico como resultado da integração de princípios gerais e padrões de línguas particulares, que obedecem ao controle de um mecanismo de aquisição central responsável pela permissão ou pela restrição sobre a formação de hipóteses referentes ao sistema de aquisição. Além disso, toda língua possui em sua fonologia um inventário de segmentos (fonemas) capazes de contrastar significado, bem como um inventário de estruturas silábicas, as quais são sequências de segmentos. Enquanto os segmentos são unidades que cumprem o papel de promover contrastividade, as sílabas não são usadas para essa função, tendo sua estrutura previsível por regras e/ou restrições da língua (MIRANDA e MATZENAUER, 2010).

Tendo em vista que a criança, durante o processo de aquisição da escrita, estabelece conexões entre o conhecimento fonológico e o alfabético, é possível pensar que durante esse processo a criança cria hipóteses para grafar os segmentos da língua a partir de uma bagagem já existente em seu conhecimento linguístico. A respeito do processo de aquisição da escrita, Ferreiro e Teberosky

(1999), com base na perspectiva construtivista de Piaget e na teoria gerativista de Chomsky, constataram que, antes mesmo de efetivamente entrar em contato com a escrita na escola, a criança já traz consigo informações e hipóteses acerca do sistema notacional de que irá se apropriar.

Para o processo de aquisição da escrita, a criança, inicialmente, formula hipóteses sobre o sistema de escrita sem estabelecer relação entre os níveis fônicos e gráficos e, à medida que passa a relacionar o que fala com o que escreve, compreende os princípios do sistema alfabético de escrita e abre-se assim um espaço para o reprocessamento do conhecimento fonológico já construído.

Neste estudo entende-se, então, que o processo de aquisição da escrita, com base em estudos realizados por Miranda, é a oportunidade concreta para que a criança atualize o conhecimento linguístico já adquirido de maneira natural e espontânea em seus primeiros anos de vida, transformando-o em objeto de reflexão, conforme a Figura 10.

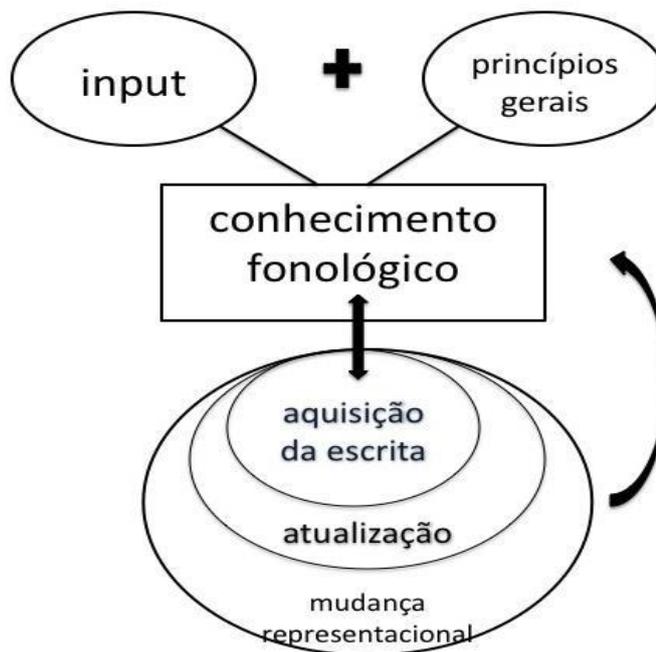


Figura 10 Relações entre o conhecimento fonológico e a aquisição da escrita.

Fonte: MIRANDA, 2014.

Quanto à relação dos processos envolvidos na aquisição da linguagem e da escrita, Miranda (2014) traz que:

É possível pensar que o conhecimento fonológico é atualizado tanto na produção oral como na escrita. As unidades sonoras formais da língua são expressas por meio de sons e de letras, realizações substanciais de unidades abstratas que independem da substância em que se atualizam. Na aquisição da escrita, porém, a atualização ocorrerá de modo distinto, uma vez que tal processo está associado a uma reflexão mais sistemática sobre a estrutura formal da língua, criando assim uma oportunidade concreta para que a criança (re)atualize o conhecimento linguístico já adquirido de maneira natural e espontânea em seus primeiros anos de vida. (MIRANDA, 2014, pg. 4).

Dessa forma, o estudo baseia-se na perspectiva de erro adota pelos estudos desenvolvidos por Miranda no GEALE, em que o erro ortográfico pode auxiliar aqueles que estudam aquisição da linguagem a investigar o saber construído pelas crianças a partir de sua experiência linguística. Miranda (2017) destaca três considerações conceituais importantes adotadas pelo grupo ao tratar o erro:

o termo 'erro', que na teorias psicogenética ocupa importante lugar, diz respeito a produções escritas destoantes da norma, as quais têm valor de erros construtivo (Ferreiro e Teberosky, 1984) b) o surgimento do erro (orto)gráfico está circunscrito ao período do desenvolvimento da escrita em que as crianças atingem uma conceituação equivalente àquela do nível silábico-alfabético ou alfabético; c) por fim o uso de parênteses, isolando o elemento de composição "orto-", tem a finalidade de demarcar a diferença existente entre erros relacionados às regras do sistema ortográfico propriamente dito- os quais envolvem relações múltiplas entre fonemas e grafemas, definidas contextual ou arbitrariamente- e erros produzidos na fase inicial do desenvolvimento da escrita, que são muitas vezes motivados por questões representacionais ou por influência da fala, isto é, referentes à fonologia da língua (MIRANDA, 2017, p. 17).

À vista disso, pressupõe-se uma relação entre fonema e grafema, ou mais amplamente entre conhecimento linguístico e modalidade escrita da língua. No processo inicial de aquisição da escrita as crianças compreendem que há, em algumas palavras, correspondência entre o número de fonemas e de grafemas. Entretanto, existem casos em que essa relação entre fonema e grafema é mais complexa, como nos dígrafos.

A ortografia de uma língua depende dos dígrafos para representar consoantes e vogais quando há mais sons na língua falada do que letras do alfabeto. Os dígrafos são pares de letras que representam um fonema, como o *nh* e o *lh* no português. Os dígrafos *nh* e *lh*, assim como outros, são chamados de grafemas, por serem formados por mais de uma letra e corresponderem a um fonema.

Nunes e Bryant (2014) classificam os dígrafos consonantais em três grupos: dígrafos obrigatórios, que correspondem a sons não representados por uma só letra; dígrafos formados por consoantes ou geminadas e dígrafos extras, que correspondem a sons consonantais que podem ser representados por uma só letra. Os casos de *lh* e *nh*, no português, são dígrafos obrigatórios por representarem um fonema que não tem letra no alfabeto que o represente.

Em relação às estratégias usadas pelas crianças durante a aquisição do /ʎ/ e do /ɲ/, dados de Teixeira e Miranda (2010), extraídos de textos espontâneos de crianças entre 1ª e 4ª séries do ensino fundamental de escolas de Pelotas - RS, comprovam que em ambas soantes as crianças apresentam dificuldades na grafia, assim como na aquisição da linguagem, conforme demonstrado na Tabela 4. Os erros encontrados foram divididos em duas categorias: erros relacionados a falhas do conhecimento relativo à representação dos sons e/ou uso dos dígrafos e erros que evidenciam processos fonológicos.

Para a grafia da palatal nasal, Teixeira e Miranda (2010) encontraram as seguintes estratégias: troca de *nh* por *lh*, grafia de *l* para *nh*, grafia de *h* no lugar do dígrafo, grafia de *n* para *nh* e inserção do dígrafo, conforme tabela 4. Para a grafia da líquida palatal as autoras encontraram as seguintes produções nos textos analisados: grafia de *nh*, como em *finho* para *filho*; grafia de *h*, como em *espantaho* para *espantalho*; grafia de *li* para *lh*, *olios* para as palavras *olhos*; grafia de *l* (a, e, o) para *lh*, por exemplo, *olando* para *olhando*, *meleorou* para *melhorou*, *trabalho* para *trabalho*, de acordo com a Tabela 4.

Tabela 4. Erros de grafia das soantes palatais.

Erros de grafia do nh	Erros de grafia do lh
lh ~ l ~ h ~ n ~ inserção	nh ~ h ~ li ~ l (a, e, o)
Galilha	Finho
Camilando	Espantaho
Mihoca	Olios
Dineiro	Meleorou
Venho	Olando
	Trabalo

Fonte: TEIXEIRA e MIRANDA, 2008.

Como é possível observar na tabela 3 e na tabela 4, os processos que ocorrem durante a aquisição da fala e da escrita se assemelham e suscitam discussões acerca de sua estrutura. Ao analisar os processos que envolvem as soantes palatais à luz da Teoria Autossegmental, pesquisas de Matzenauer, em aquisição da fala, e de Miranda, na aquisição da escrita, corroboram a complexidade destas duas consoantes.

Conforme mostra a Figura 11, de Teixeira e Miranda (2010), as crianças ao grafarem as soantes palatais usam estratégias que se assemelham às estratégias observadas por Matzenauer (2000) em estudo sobre aquisição fonológica.

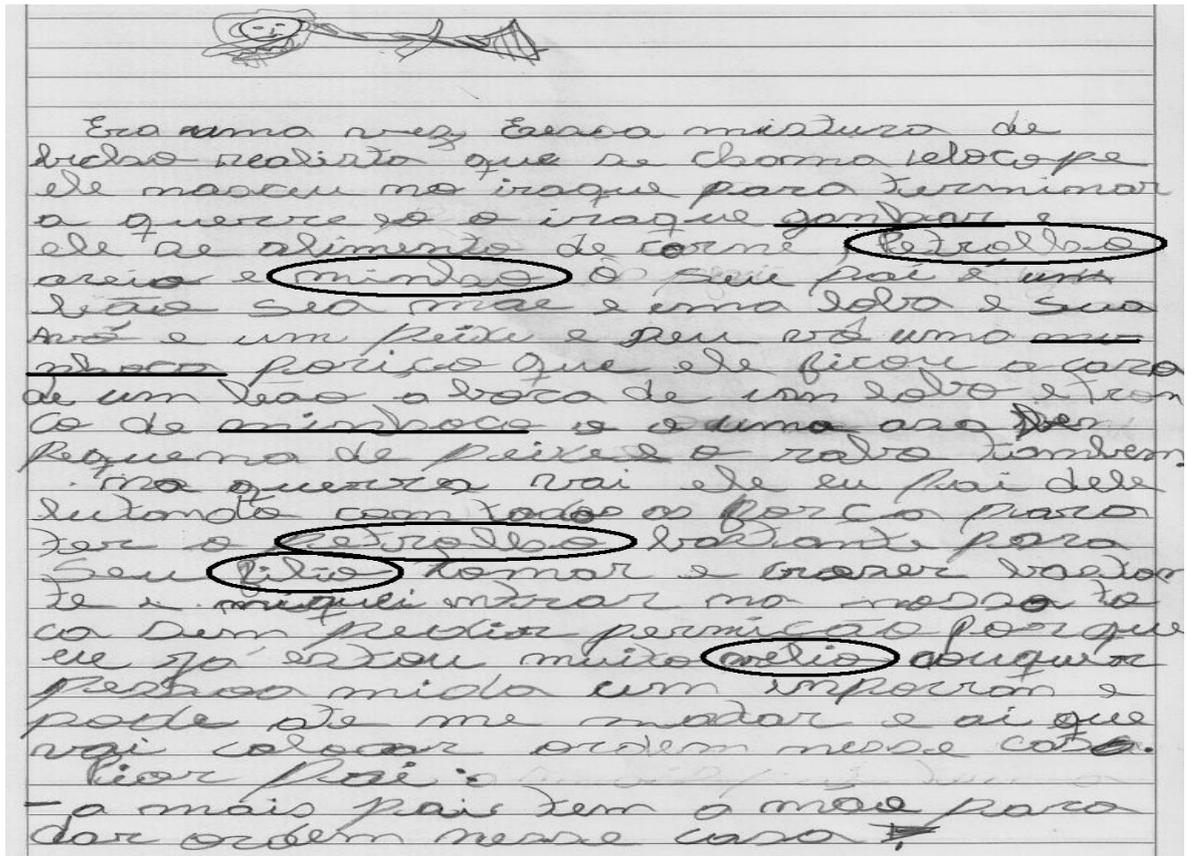


Figura 11 Exemplos de grafias das soantes palatais extraído do BATALE.

Fonte: TEIXEIRA e MIRANDA, 2010.

Na Figura 11, temos exemplos de grafias das soantes palatais, em que é possível observar na grafia de: *filio* para *filho* e de *velio* para *velho* que a criança substitui o dígrafo *lh* por *li*, estratégia que também é encontrada na aquisição fonológica das soantes palatais. Além disso, pode-se verificar na imagem as grafias corretas da palatal nasal, demonstrando que, assim como na aquisição fonológica, na aquisição da escrita essa consoante é produzida anteriormente à líquida palatal.

Tendo em vista as estratégias usadas na aquisição da linguagem das soantes palatais e as motivações fonológicas que envolvem essas estratégias, nota-se a complexidade que essas consoantes representam para a criança no processo de aquisição, por isso buscou-se na Teoria Autossegmental suporte para compreender a complexidade dessas duas consoantes.

1.3 Teoria Autossegmental

A fonologia autossegmental, modelo pós-chomskiano, é uma abordagem não linear da fonologia, que trata os processos fonológicos de forma multidimensional, em que os segmentos são ligados através de linhas de associação e organizados em camadas. De acordo com Clements e Hume (1995), elementos na mesma camada estão organizados sequencialmente, enquanto elementos em camadas diferentes não estão ordenados e relacionam-se uns aos outros por meio de linhas de associação que estabelecem padrões de alinhamento e superposição. Além disso, os segmentos podem ser manipulados fonologicamente de forma independente através de espriamento ou supressão.

O entendimento de que não há relação bijectiva entre segmentos e traços que o constituem tem, segundo Matzenauer (1999) duas consequências: a) os traços podem estender-se além ou aquém de um segmento e b) o apagamento de um segmento não implica necessariamente o desaparecimento de todos os traços que o compõem.

Nessa abordagem teórica, de acordo com Clements e Hume (1995) os segmentos são representados em termos de configuração de nós hierarquicamente organizados, cujos nós terminais são os traços e cujos nós intermediários representam constituintes. Conforme indica a Figura 12, todos os traços derivam de um nó de raiz (**A**) que corresponde ao segmento. Os nós **B**, **C**, **D** e **E**, de nível mais baixo, representam os nós de classes, em que os nós **D** e **E** são dependentes do nó **C**. Os nós terminais **a**, **b**, **c**, **d**, **e**, **f**, **g** representam traços fonológicos. Quanto as linhas que ligam esses nós, são chamadas de linhas de associação e servem para padrões de alinhamento temporal e para coordenação entre os elementos na representação fonológica.

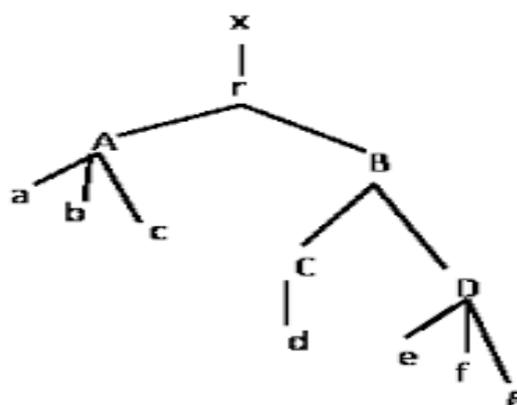


Figura 12 Representação do diagrama arbóreo.

Fonte: CLEMENTS e HUME, 1995.

De acordo com Clements e Hume (1995), essa abordagem para a organização dos traços torna possível impor fortes restrições sobre a forma e o funcionamento de regras fonológicas. Pressupondo que regras fonológicas realizam apenas operações unitárias, ou seja, apenas conjuntos de traços que formam constituintes podem funcionar juntos em regras fonológicas.

Outro princípio da teoria estabelece que a organização de traços é universalmente determinada. Conforme esse princípio, a maneira pela qual os traços estão associados às camadas e agrupados em constituintes maiores não varia de língua para língua e a hierarquização dos traços funciona como um padrão que define as estruturas bem formadas por meio de derivações.

De acordo com Hora e Vogeley (2017, p. 67), para a fonologia autosegmental os fonemas são formados por propriedades simultâneas ou traços organizados, separados em camadas. O uso do termo não-linear refere-se justamente ao fato de que os traços são dispostos em diferentes camadas e não apresentam uma relação de um-para-um. Embora possa se ligar uns aos outros, podem revelar padrões complexos de sobreposição em que uma unidade em uma camada é alinhada com várias outras em outras camadas.

Quanto à estrutura dos segmentos, Clements e Hume (1995) propõem para este modelo três tipos de segmentos: simples, complexos e de contorno. Os segmentos simples apresentam um nó de raiz e possuem apenas um traço de articulação oral. Os segmentos complexos apresentam um nó de raiz e ligados a ele dois traços de articulação oral diferentes, um consonantal e outro vocálico. Um segmento é considerado de contorno quando existe um efeito fonológico de borda,

ou seja, quando o segmento carrega o traço (+) em relação ao segmento de um lado e o traço (-) em relação ao segmento do outro lado.

No modelo da Geometria de Traços, as regras fonológicas são representadas por operações de ligação e desligamento de linhas de associação na hierarquia e, conforme Clements e Hume (1995) as regras fonológicas naturais constituem uma única operação nessa geometria. Nesse princípio são naturais as regras que se referem ou a traços individuais ou a nós de classes. Os processos fonológicos básicos considerados por esses autores são: a assimilação, a dissimilação e a neutralização.

As regras de assimilação são caracterizadas pelo espriamento de um traço de um segmento A para um segmento vizinho B. Essa regra de assimilação pode se distinguir quanto ao nó que se espraia:

- Assimilação total, quando o nó de raiz se espraia e o segmento afetado obtém todos os traços do gatilho.
- Assimilação parcial, quando um nó de classe de um nível mais baixo espraia e o alvo adquire vários, mas não todos os traços do gatilho.

O processo de dissimilação, de acordo com a proposta de Clements e Hume (1995), é um desligamento, onde um traço ou nó é desligado de um segmento e apagado, uma regra mais tardia insere valor oposto ao traço. A dissimilação produzida pelo desligamento poderia ser explicada pelo Princípio do Contorno Obrigatório (OCP), segundo o qual elementos adjacentes idênticos são proibidos.

A neutralização é um processo que elimina contrastes entre dois ou mais traços fonológicos em certos contextos. Assim como a dissimilação, a neutralização simples pode ser caracterizada em termos de desligamento de um nó.

De acordo com Clements e Hume (1995) para que ocorra os processos de assimilação, dissimilação e neutralização são necessárias as seguintes regras elementares: ligações (espraimento), desligamentos, inserções default e apagamento. Além dessas, há regras de mudança de traço, regras de fusão e regras de fissão.

No Modelo Autossegmental (CLEMENTS e HUME, 1995) existem três princípios básicos que limitam a aplicação das regras. O Princípio do não cruzamento de linhas de associação funciona como uma Condição de Boa-Formação, que boqueia a aplicação de qualquer regra que possa violá-lo. Nele pressupõe-se que regras de assimilação do nó de ponto ficarão restritas a

consoantes que são imediatamente adjacentes, uma vez que uma vogal ou consoante entre elas bloquearia assimilação porque o espriamento cruzaria linhas no mesmo plano.

O segundo é o Princípio do Contorno Obrigatório (Obligatory Contour Principle-OCP), em que elementos adjacentes idênticos são proibidos, ou seja, o princípio proíbe elementos, traços ou nós adjacentes idênticos em uma dada camada, bem como regras que possam violar tal princípio. Por isso, em muitas línguas ocorre o processo de dissimilação para evitar a violação desse princípio.

O terceiro é a Restrição de Ligação, segundo Matzenauer (1999), essa restrição limita a aplicação de uma regra à forma que nela é representada, de modo que, se contiver uma só linha de associação, fica bloqueada em contextos de ligação dupla ou vice-versa. Por conseguinte, esse princípio prediz que toda regra se aplicará somente a configurações que contenham o número de linhas de associação que a sua descrição estrutural específica.

A noção de que a fala é produzida usando-se diversos articuladores (lábios, parte frontal da língua, dorso da língua, a raiz da língua, o palato mole e a laringe) e que eles funcionam independentemente é essencial para a teoria de traços. Os traços articuladores são chamados também de traços de lugar. Para Clements e Hume (1995), os traços labial, coronal e dorsal são melhores tratados como unitários do que binários. Outros traços são tratados tanto como articulador-dependentes, ou seja, precisam de um articulador específico para sua execução quanto como articuladores-livres, no sentido de que não estão restritos a nenhum articulador específico. Os traços articuladores-presos, quando ocorrem, definem melhor a natureza específica da constrição formada por um dado articulador.

Os traços articuladores-dependentes [anterior] e [distribuído] estão ligados sob o nó coronal, dessa forma se um segmento assimila outro em coronalidade, também assimilará [anterior] e [distribuído] ao mesmo tempo.

De acordo com Clements e Hume (1995), nas regras de assimilação também se justifica a existência do nó de lugar do trato oral, [labial], [coronal], [dorsal] e seus dependentes que espriam-se como unidade independentes de outros traços, como de abertura [contínuo], [consonantal] e [soante]. A Figura 13 traz a representação do nó de lugar conforme Clements e Hume (1995).

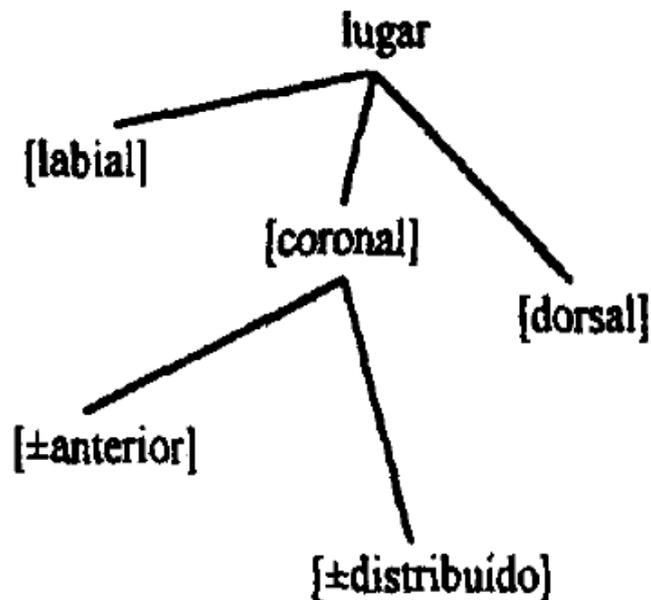


Figura 13 Representação do nó de lugar.

Fonte: CLEMENTS e HUME (1995).

Consoante com as propostas de Clements e Hume (1995) e dentro da perspectiva das teorias de restrições e reparos, Calabrese (1988) desenvolveu uma proposta teórica de restrições universais baseadas na noção de complexidade fonológica. Nessa proposta os segmentos são conjuntos de traços distintivos, nem todas as combinações de traços têm o mesmo status e ainda algumas combinações são impossíveis devido a restrições articulatórias e perceptuais humanas.

Para Calabrese (1988), as combinações que possuem impossibilidades articulatórias são expressas formalmente através de proibição que exclui a coocorrência de traços relevantes. Além disso, a complexidade de determinado conjunto de traços é expressa como uma condição de marcação, que marca a ocorrência de um dos traços no contexto do outro como complexa. Nem todas as combinações de traços têm o mesmo grau de complexidade, sendo umas mais complexas que outras.

De acordo com a proposta de Calabrese (1988), quando uma condição de marcação é ativa em determinada língua, o segmento caracterizado com o traço complexo não é permitido. Uma das formas que o falante tem de resolver essa

condição de marcação é a ativação do procedimento de simplificação para reparar a configuração de traços não permitida.

Os procedimentos de simplificação são: fissão, desligamento e negação. A fissão é um processo que divide um conjunto de traços que possui uma configuração não permitida em dois novos conjuntos sucessivos, que contenham apenas um dos traços da configuração não-permitida. O desligamento é o processo pelo qual um dos traços não compatíveis de uma configuração não permitida é desligado e substituído por outro traço compatível. O terceiro procedimento é a negação, que é uma operação que muda os valores dos traços incompatíveis da configuração não-permitida para seus valores opostos.

Para o autor, a função desses procedimentos de simplificação é prevenir um aumento na complexidade de um sistema fonológico reparando configurações complexas de traços e não eliminar todas as configurações de traços não-permitidas.

Diante do que foi exposto, em relação à estrutura interna dos segmentos da língua, reforça-se a importância de teorias linguísticas que contribuam para compreensão das mudanças das línguas, tanto de forma sincrônica como diacrônica.

2 Metodologia

Este capítulo apresenta os aspectos relativos aos procedimentos metodológicos empregados para a realização desta pesquisa cuja natureza é quali-quantitativa. Para tanto, é feita referência aos métodos usados para coleta, seleção e análise de dados. Assim, a fim de alcançar os objetivos deste estudo, ressalta-se:

- i. Levantar apontamentos e considerações a respeito das soantes palatais, com base em dados de gramáticas históricas;
- ii. Descrever e analisar os processos observados na aquisição da escrita das soantes palatais do português, com base em dados de escrita inicial;
- iii. Comparar os processos encontrados na diacronia e na aquisição da escrita das soantes palatais, considerando aspectos fonológicos.

2.1 Objeto de Estudos

Para este estudo, que trata das soantes palatais do português, foram analisados dados relativos à aquisição da escrita do português e levantadas, em bibliografias que tratam da evolução da língua, considerações sobre os processos envolvidos na evolução das soantes palatais. O corpus é constituído por grafias das soantes palatais extraídas de textos de escrita espontânea de crianças brasileiras e portuguesas e de apontamentos de autores sobre os metaplasmos. Para realizar a comparação entre os dados de aquisição da escrita com os processos encontrados na diacronia foi realizado um levantamento dos processos encontrados na evolução do latim ao português a partir de gramáticas históricas. Para fazer o levantamento diacrônico que trata das soantes palatais, optou-se por selecionar autores que analisam dados de fontes históricas diretas e autores que analisam gramática históricas.

2.2.1 Aquisição da escrita

Neste estudo são analisados textos de crianças brasileiras e portuguesas, que pertencem o terceiro e quarto Estratos do BATALE – Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita – o banco de textos faz parte do GEALE – Grupo de Estudos sobre Aquisição da Linguagem Escrita.

O GEALE surgiu em 2001, a partir do desenvolvimento de projeto de pesquisa intitulado *Aquisição da Escrita: ortografia e acentuação* afixadas nos estudos linguísticos. O grupo, coordenado pela professora doutora Ana Ruth Moresco Miranda, ao longo dos anos aprofundou suas pesquisas e discussões em torno da língua e suas estruturas sonoras, da aquisição da linguagem e da escrita. Considerando o enfoque dos estudos do grupo, as escritas iniciais e a ortografia infantil são de extrema importância para o desenvolvimento das pesquisas, que assumem uma perspectiva psicolinguística em busca de compreender a forma como a fala e a escrita da criança mudam à medida que ela se apropria dos princípios do sistema alfabético de escrita.

O BATALE, iniciado em 2001 e ainda em construção, é o banco de textos utilizado como base para os estudos do GEALE. Os textos que o compõem são considerados de escrita espontânea porque obtidos a partir de oficinas de produção textual. Do ponto de vista metodológico, optou-se por oficinas por ser uma forma capaz de estimular a escrita espontânea das crianças e oferecer estímulos diferentes daqueles tradicionalmente empregados para a produção textual na escola. As oficinas foram estruturadas da seguinte forma: motivação (com o intuito de estimular e oferecer subsídios para a produção textual), produção textual (a escrita propriamente dita) e fechamento (momento de compartilhamento das escritas produzidas com o objetivo de estimular e desenvolver o gosto pela escrita de textos que podem ser apreciados por um leitor/ ouvinte real).

Após a coleta, os textos foram digitados em Word, respeitando-se a grafia utilizada e a troca de linhas e, também, foram digitalizados e salvos em formato JPEG ou PDF. Dos textos, foram extraídas todas as grafias em que há algum tipo de erro ortográfico, as quais são registradas em fichas específicas para a classificação dos erros, uma para cada aluno. Depois disso, os dados são inseridos em um programa computacional criado a partir da plataforma Microsoft Access

especificamente para a pesquisa, o qual permite a estocagem, a tabulação e a computação dos erros. O trabalho realizado nas oficinas de produção textual para a coleta dos textos, assim como a digitação, digitalização e organização dos textos foi feita por integrantes do grupo de pesquisa.

O BATALE atualmente está organizado conforme indica a Figura 14:

Estrato	Ano	Material coletado	Tipo de coleta	Série/Ano	Local da coleta	Escola	Número de textos
Estrato 1	2001-2004	textos espontâneos	transversal e longitudinal	1ª a 4ª série Ensino Fundamental	Pelotas/RS/Brasil	Pública e Particular	2024
Estrato 2	2008	textos espontâneos	transversal	1º a 4º ano Ensino Básico	Lisboa/Portugal	Pública	96
Estrato 3	2009	textos espontâneos	transversal	1ª a 4ª série Ensino Fundamental	Pelotas/RS/Brasil	Pública	507
Estrato 4	2009	textos espontâneos	transversal	1º a 3º ano Ensino Básico	Porto/Portugal	Pública	783
Estrato 5	2009	textos espontâneos ditados de imagens	transversal	1º a 4º ano Ensino Fundamental	Pelotas/RS/Brasil	Pública	155
Estrato 6	2009	textos espontâneos	longitudinal	EJA	Pelotas/RS/Brasil	Pública	98
Estrato 7	2013-2015	textos espontâneos ditados balanceados	transversal e longitudinal	1º a 5º ano Ensino Fundamental	Pelotas/RS/Brasil	Pública	1765
Estrato 8	2014-2015	textos espontâneos ditados balanceados	transversal e longitudinal	1º a 3º ano Ensino Fundamental	Porto Alegre/RS/Brasil	Pública	1724
Total de textos							7152

Figura 14 Estratos BATALE.

Fonte: https://wp.ufpel.edu.br/geale/?page_id=1210

Como mencionado anteriormente, para esta pesquisa optou-se por analisar as escritas das crianças de 1ª a 3ª séries⁷ do Estrato 3 e de 1º a 3º anos do Estrato 4. Os critérios para seleção dos Estratos foram: se tratar de escrita de crianças brasileiras e portuguesas que cursavam, à época das coletas, as primeiras séries do ensino fundamental e as oficinas motivacionais dos textos espontâneos. Os Estratos são compostos por textos espontâneos, que são motivados a partir de oficinas e as

⁷ Durante o trabalho será usado o termo séries e não ano quando for referido o estrato composto por textos de crianças brasileiras, pois na data em que as coletas foram realizadas ainda não era usado o termo ano nas escolas brasileiras.

coletas de texto foram realizadas por integrantes do GEALE e seguiram todos a mesma metodologia, citada anteriormente.

2.2.2 Amostras estudadas - seleção e organização

O Estrato 3 é composto por 507 textos de escrita espontânea, coletados de forma transversal, no ano de 2009, em turmas de 1º a 4º séries de ensino fundamental de duas escolas públicas da cidade de Pelotas/RS. O Estrato 4 é composto por 783 textos produzidos coletados de forma transversal em turmas de 1º, 2º e 3º anos de ensino básico de escolas públicas na cidade do Porto, em Portugal. Destes dois Estratos foram selecionados textos que compõem a amostra deste estudo, conforme a Tabela 5.

Tabela 5 Amostras da pesquisa.

	Terceiro Estrato	Quarto Estrato
Turmas	15	35
Série/ ano	1ª, 2ª e 3ª séries	1º, 2º e 3º anos
Textos analisados	287	712
Local	Pelotas/ RS/Brasil	Região do Porto/ Portugal

Fonte: BATALE.

De acordo com os dados da Tabela 5, observa-se uma diferença entre os dois Estratos no número de textos analisados, isso se deve a um dos critérios de seleção dos dados: analisar textos de crianças brasileiras e portuguesas pertencentes aos mesmos anos escolares. Por isso, optou-se pelos Estratos 3 e 4, porém o número de texto coletados em cada Estrato era diferente, além disso o Estrato 3 continha textos de 4ª série, sendo os dados pertencentes a 4ª série desconsiderados, com isso diminuindo o número de textos analisados do Estrato 3.

Após a definição da amostra, foram extraídos dos textos que estão em formado *word* todas as palavras nas quais há contexto para a grafia das soantes palatais 'nh' e 'lh'. Os dados de cada Estrato foram organizados, inicialmente, em planilhas do Excel, as quais continham os acertos e erros de grafias de cada turma. Na etapa seguinte as turmas foram agrupadas em pastas que correspondiam a cada ano escolar. Posteriormente, as grafias de cada ano escolar foram separadas em erros e acertos das soantes palatais e novamente agrupadas em planilhas do Excel em que foram criados gráficos com percentuais de erros e acertos. Em um outro momento, usando planilhas do Excel, os erros de cada ano escolar foram classificados em diferentes tipos e contabilizados a fim de criar tabelas para melhor visualização dos percentuais de cada tipo de estratégia usada pelas crianças e a partir disso ser possível iniciar a discussão de cada tipo de erro.

Para análise e discussão dos dados optou-se por analisar em seções separadas os dados de aquisição da escrita das crianças brasileiras e das crianças portuguesas. As palavras que continham soantes palatais foram divididas em erros e acertos. Após, os erros foram agrupados de acordo com o tipo de grafia observada em cada turma analisada seguindo-se a classificação do GEALE, a saber, fonológicos e ortográficos, mesma usada em estudos de Teixeira e Miranda (2008, 2010) sobre as soantes palatais, e a partir dessa classificação foi feita a discussão dos dados.

2.3 Comparação dos dados

Após a análise e discussão dos dados da aquisição da escrita, os resultados gerais foram comparados com os processos que envolvem a evolução das soantes palatais encontrados nas gramáticas históricas e livros sobre a história da língua portuguesa.

A bibliografia usada para obter os processos envolvidos na evolução das soantes palatais do latim ao Português foi composta por palavras que continham as soantes palatais e apontamentos sobre essas duas soantes, tanto as palavras quanto as considerações sobre as soantes palatais foram extraídas de livros que tratam da evolução histórica do latim ao português, conforme citados a seguir:

- i. Crestomatia arcaica - Nunes (1967)
- ii. Compêndio de gramática histórica português - Nunes (1975)
- iii. Do latim ao português: fonologia e morfologia histórica da língua portuguesa - Williams (2001)
- iv. História da Língua Portuguesa - Spina (2008)
- v. História da Língua Portuguesa - Silva Neto (1970)
- vi. História da língua portuguesa - Teyssier (2004)
- vii. O português arcaico: fonologia - Silva (2001)
- viii. Pontos de gramática histórica - Coutinho (1976)

Das obras consultadas foram extraídas as palavras que envolviam a evolução das soantes palatais e as considerações dos autores sobre os processos envolvidos na formação das soantes palatais no português.

3 Análise e discussão dos dados

Conforme mencionado anteriormente, o *corpus* deste estudo é composto por dados que tratam da aquisição da linguagem escrita das soantes palatais /ʎ/ e /ɲ/, cujas grafias correspondem a 'lh' e 'nh', respectivamente. Este capítulo é destinado à discussão dos dados da pesquisa, para isso optou-se por dividi-lo em seções e subseções a fim de tratar dos dados obtidos a partir da grafia das soantes palatais das crianças brasileiras e portuguesas nos diferentes anos escolares.

3.1 Grafias das soantes palatais

3.1.1 Grafias das soantes palatais – crianças brasileiras

Os dados de aquisição da escrita de crianças brasileiras fazem parte do terceiro Estrato do BATALE (cf. seção 2.1.1) e estão distribuídos conforme a Tabela 6.

Tabela 6 Dados do Estrato 3.

	Número de turmas	Textos analisados	Grafias da líquida palatal	Grafias da nasal palatal
1° série	07	94	02	105
2° série	05	120	30	237
3° série	03	73	35	132
TOTAL	15	287	67	474

Fonte: Elaboração própria - BATALE.

Dos 287 textos analisados nas três séries foram encontradas 67 grafias da líquida palatal e 474 grafias na nasal palatal, as quais serão descritas e analisadas no decorrer deste capítulo.

3.1.1.1 Descrição dos dados da líquida palatal

Nos textos analisados, foram encontradas 67 grafias da líquida palatal, em que prevalece o número de acertos em relação ao número de erros, conforme mostra a distribuição na Figura 15.

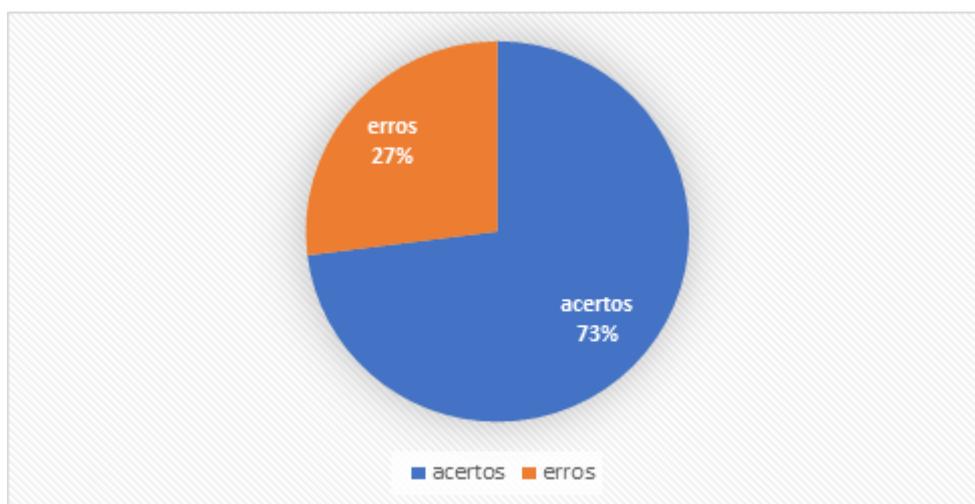


Figura 15 Acertos e erros da líquida palatal.

Fonte: Elaboração própria - BATALE.

Na computação realizada, foi verificado um percentual de 73% de acertos, que corresponde a 49 grafias corretas de lh, e de 27% de erros, que equivale a 18 erros na grafia da palatal líquida. Os erros foram classificados de acordo com Teixeira e Miranda (2010) por série e tipos de erros encontrados em cada série, conforme indica a Tabela 7.

Tabela 7 Tipos de erros da líquida palatal – crianças brasileiras.

Tipos de erros	1° série	2° série	3° série
Li	Sem ocorrências	Sem ocorrências	armadilha - armadilha
l	Sem ocorrências	Sem ocorrências	veia - velha

Fonte: Elaboração própria - BATALE.

Observa-se na Tabela 7 que foram verificados dois tipos de erros que envolvem a grafia da líquida palatal: a grafia de *li* para *lh*, por exemplo, *armadilia* para *armadilha* e a grafia de *i* para *lh*, como em *veia* para *velha*. Esses dois tipos de erros, de acordo com a proposta de Teixeira e Miranda (2010), podem ser considerados como erros com motivação fonológica, uma vez que estão relacionados à complexidade segmental. Observa-se ainda que as crianças de 1ª série não produziram grafias da líquida palatal, as crianças da 2ª série apresentaram apenas grafias corretas e somente as crianças da 3ª série produziram grafias erradas dessa consoante. Na Tabela 8 tem-se a distribuição dos erros por série.

Tabela 8. Distribuição de erros por série.

	1ª série	2ª série	3ª série
Contextos	02	30	35
Erros	0	0	18
Percentual	0	0	51,4%

Fonte: Elaboração própria - BATALE.

Como pode ser observado na Tabela 8, as ocorrências de /ʎ/ encontradas nas 1ª e 2ª séries foram de acertos, já os dados da 3ª série apontaram 51,4% de erros de grafia da líquida palatal, sendo próximo o número de ocorrências de grafias corretas e erradas das crianças da 3ª série. No percentual geral de acertos, as produções das crianças de 1ª série correspondem a 4,1% dos acertos e considerando que essas crianças não grafaram de forma errada o *lh* é possível verificar a baixa incidência de grafias de *lh* para as crianças nesse ano escolar. Na 2ª série foram computados 61,2% do total geral de acertos, o que representa 30 grafias das produzidas de forma certa. Considerando o percentual geral, a 2ª série foi a que mais produziu grafias de forma certa e não produziu sequer uma palavra com erro na grafia da líquida palatal. A Figura 16 ilustra exemplos de grafia do estrato 3.

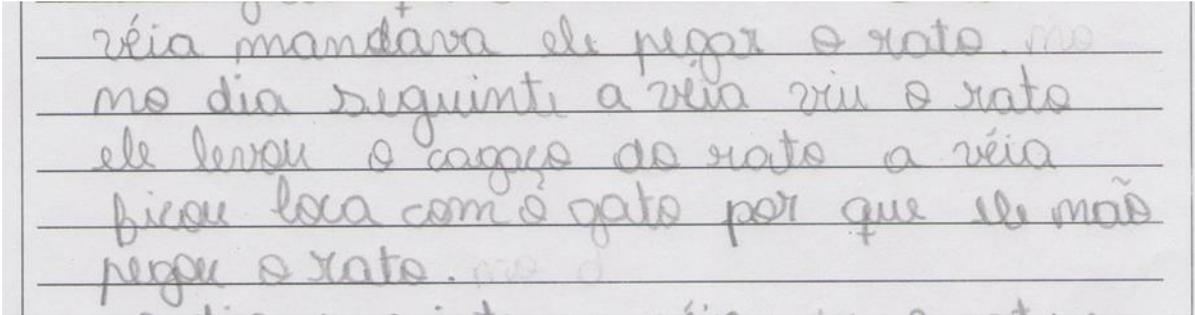


Figura 16 Grafias do Estrato 3.

Fonte: BATALE.

Na figura 16 é possível observar a grafia de *i* para *lh*, em *veia* para *velha*. Um dado como este abre duas possibilidades de interpretação: trata-se de um processo de simplificação da consoante complexa que perde a sua definição consonantal; ou tem-se um erro de motivação social, isto é, vinculado a variedade sociolinguística do sujeito.

A análise em percentuais de erros, conforme mostra a Figura 17, aponta que nos dados das três séries analisadas no terceiro estrato ocorreu o predomínio da grafia de *i* para *lh* com 89 % e um número bem inferior da grafia de *li* para *lh*, correspondendo a 11% dos erros encontrados da grafia da líquida palatal das crianças brasileiras.

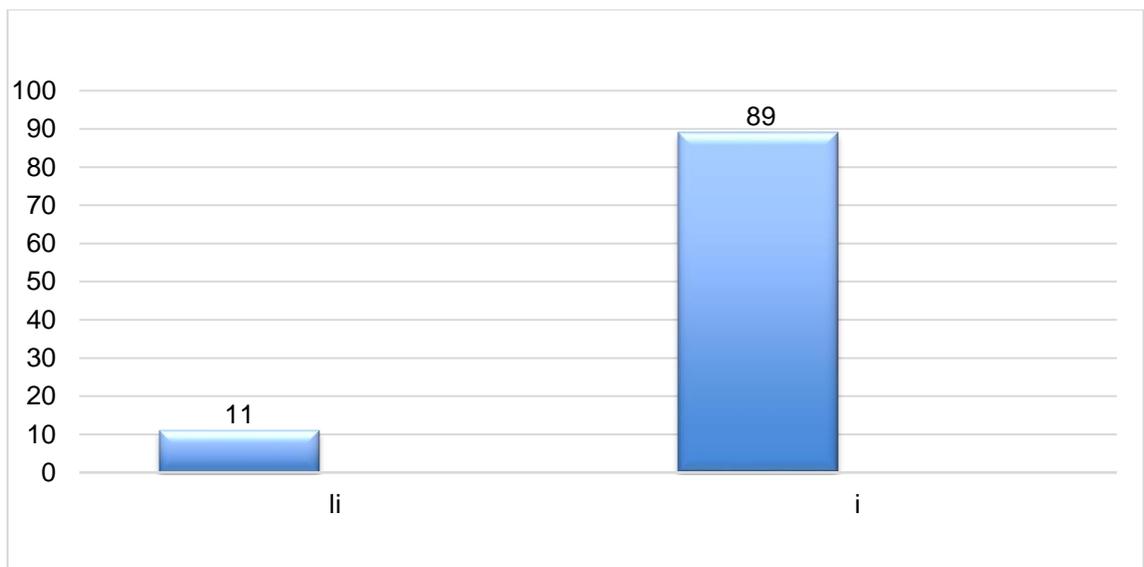


Figura 17 Tipos de erros encontrados da líquida palatal.

Fonte: Elaboração própria - BATALE.

Os dois erros encontrados foram de natureza fonológica:

- A grafia do *i* para o *lh*, como em *veia* para *velha*, foi o erro predominante, com 89%. O processo de semivocalização que ocorreu nesse tipo de erro, corrobora o que estudos de Matzenauer (2000) constatam em dados de aquisição da linguagem, em que as crianças no processo de aquisição da fala também semivocalizam a líquida palatal. Esse processo, de acordo com Matzenauer (2000), com base na geometria de Traços de Clements e Hume (1995), seria resultado da ligação apenas do nó vocálico da consoante complexa. No processo de aquisição da escrita esse tipo de estratégia da criança pode ser interpretado como o desligamento do nó ponto de consoante, visto que na aquisição da escrita a criança já adquiriu esse segmento.

- O segundo tipo de erro encontrado, com 11% de ocorrências, foi a grafia de *li* para *lh*, por exemplo, a criança grafou *armadilia* para *armadilha*. Esse erro também foi observado em estudos e de Matzenauer (2000), de acordo com a proposta da Teoria Autossegmental é decorrente de um processo de espraçamento da articulação secundária de da líquida palatal para o nó ponto de consoante do segmento vocálico subsequente.

Teixeira e Miranda (2008), ao tratarem da aquisição da escrita, entendem esse processo como à uma fissão de nós que transforma uma unidade de tempo X em duas X.

Os erros descritos nesta subseção serão discutidos na sequência do estudo juntamente com os processos envolvidos na diacronia do latim ao português que resultaram a líquida palatal.

3.1.1.2 Descrição dos dados da nasal palatal

Nos textos analisados foram encontrados 474 contextos para grafias da nasal palatal. Dessas grafias, 3,16% correspondem aos erros e 96,84% aos acertos das crianças ao grafarem essa consoante complexa, conforme indicado na Figura 18.

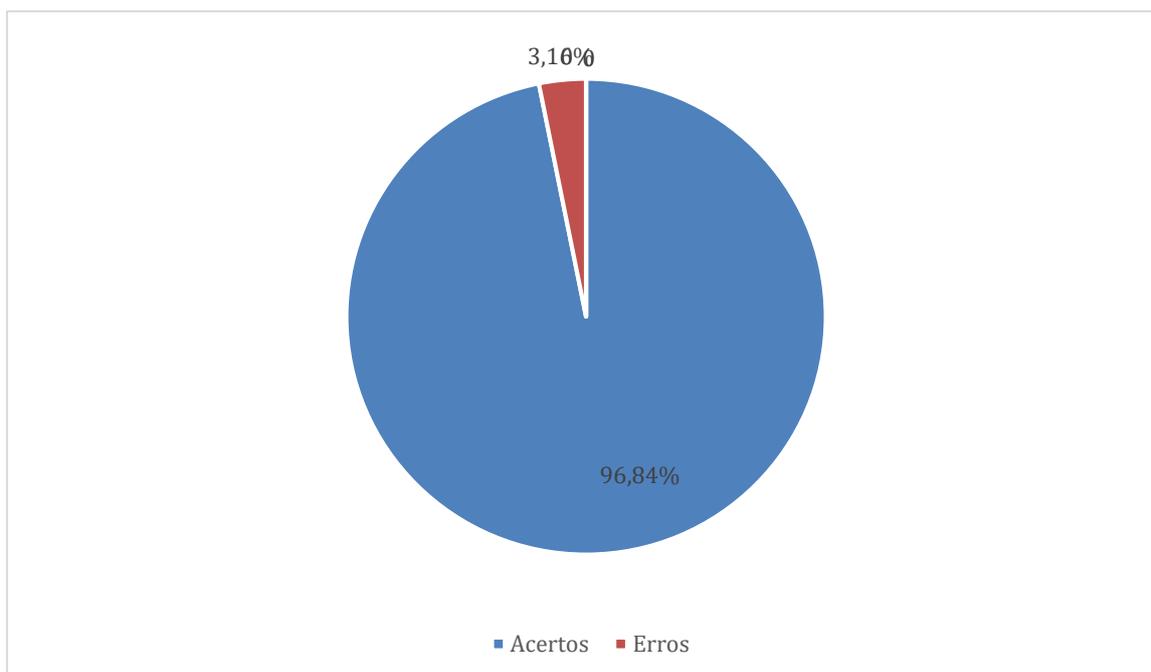


Figura 18 Acertos e erros da nasal palatal.

Fonte: Elaboração própria - BATALE.

Os 3,16% de erros de grafia da nasal palatal encontrados nos textos analisados foram divididos de acordo com Teixeira e Miranda (2008), assim como os da líquida palatal, em séries e tipos de erros encontrados em cada série. Conforme indica a Tabela 9.

Tabela 9. Tipos de erros da nasal palatal.

Tipos de erros	1° série	2° série	3° série
Nh → h	Varinha- variha	Varinha- valiha	Sem ocorrências
Nh → mh	Samtinho- santimho	Sem ocorrências	Sem ocorrências
Nh → n	Ratinho – ratino	Varinha- varina	Varinha – falina
Nh → ch	Sem ocorrências	Sem ocorrências	Pegadinha- pegadicha
Apagamento	Sem ocorrências	Sem ocorrências	Varinha- varia
Nh → lh	Sem ocorrências	Sem ocorrências	Vergonha-vergolha

Fonte: Elaboração própria - BATALE.

Observa-se na Tabela 9 que as crianças do estudo, diferentemente do que ocorreu com os dados da líquida palatal, produziram 3,16 % de erros do percentual geral da grafia da nasal palatal na 1ª, 2ª e 3ª séries. Os erros encontrados correspondem a 15 grafias erradas dessa consoante e estão distribuídos nas três séries analisados conforme Tabela 10.

Tabela 10 Percentual de erros da nasal palatal em cada série.

	1ª série	2ª série	3ª série
Contextos	105	237	132
Erros	07	03	05
Percentual	6,6%	1,26%	3,78%

Fonte: Elaboração própria - BATALE.

A partir do número de erros encontrados em cada série, foram calculados separadamente os percentuais de erros expostos na Tabela 10, que apontaram que as crianças da 1ª série foram as que apresentaram maior dificuldade de grafia de /ɲ/.

Na análise dos erros, foram verificados seis tipos de estratégias de grafia da nasal palatal e classificados em erros com motivação fonológica e erros ortográficos. Os erros foram computados percentualmente conforme a Figura 19.

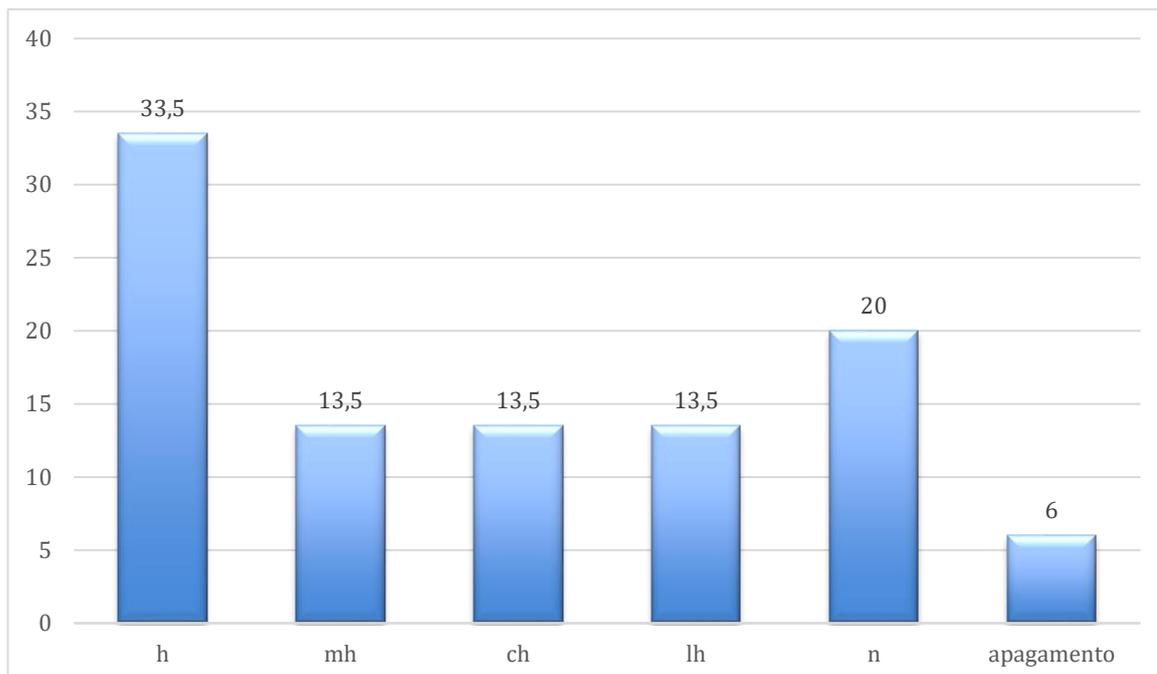


Figura 19 Tipos de erros encontrados da nasal palatal.

Fonte: Elaboração própria - BATALE.

Conforme exposto no gráfico acima, observou-se seis tipos de erros cometidos pelas crianças ao grafarem a palatal nasal, que foram classificados em:

- Erros com motivação fonológica:

- Grafia de *n* no lugar do *nh* → *varina* pra *varinha*, esse erro foi encontrado nas três séries analisadas e corresponde a 20% do percentual de erros. Dessa forma ratificando o que Teixeira e Miranda (2008) em estudos sobre aquisição da escrita já haviam verificado nas estratégias usada pelas crianças ao grafarem a palatal nasal. Durante a aquisição da escrita esse processo pode ser explicado pelo desligamento da constrição secundária vocálica, pois a criança já adquiriu o segmento complexo na aquisição da linguagem.

Matzenauer (2000) encontrou esse mesmo processo durante a aquisição da linguagem. A substituição de *n* por *nh*, para a autora é explicada pelo fato de a criança não estar ligando, à estrutura do segmento, a constrição secundária vocálica, apresentando apenas a constrição primária consonantal.

- Apagamento da nasal palatal → *varia* para *varinha*, o apagamento foi verificado apenas nos dados de 3ª série e equivale a 6% do total de erros analisados. Uma possibilidade para interpretação desse erro é o Princípio do Contorno Obrigatório- OCP. De acordo com essa regra, elementos adjacentes

idênticos são proibidos, assim como não são permitidos traços idênticos no mesmo tier.

Esse tipo de erro pode ser analisado da seguinte forma: desliga a articulação consonantal primária da consoante complexa, ficando apenas a articulação secundária vocálica, ou seja, a vogal /i/. Porém, como a vogal que precede o segmento também é /i/, contendo os mesmos traços da vogal seguinte ocorre a violação do Princípio de Contorno Obrigatório, realiza-se, então, o apagamento total da consoante. Exemplo: *varinha* > *variia* > *varia*.

- Erros ortográficos:

- Grafia de h → *variha* para *varinha*, que foi encontrado em dados de 1ª e 2ª série, correspondendo a 33,5% das grafias erradas.
- Grafia de mh → *santimho* para *santinho*, esse tipo de grafia foi encontrada somente em dados de 1ª série e representam 13,5% do total de erros.
- Grafia de lh → *vergolha* para *vergonha*, corresponde a 13,5% dos erros cometidos ao grafarem a nasal palatal e foi observado somente em dados de 3ª série.
- Grafia de ch no lugar do nh → *pegacinha* para *pegadinha*, esse erro ocorreu somente na 3ª série e configurou 13,5% dos erros obtidos.

Os dados demonstraram o predomínio de erros, em termos de números de ocorrências da líquida palatal com 27% de erros, no entanto, a nasal palatal ainda que com um percentual de erros menor, correspondendo a 3,6% de grafias erradas, apresentou mais tipos de erros.

Em relação aos tipos de erros também é importante salientar que para a líquida palatal foram encontrados dois tipos de erros, que foram grafados apenas na 3ª série, já para a nasal palatal foram verificados seis tipos de grafias erradas, distribuídas nas três séries analisadas. Na próxima seção serão apresentados os dados referentes as crianças portuguesas, extraídos do quarto Estrato do BATALE.

3.1.2 Grafia das soantes palatais - crianças portuguesas

Os dados que tratam da grafia das soantes palatais por crianças portuguesas foram extraídos do quarto Estrato do BATALE e estão organizados conforme Tabela 11.

Tabela 11 Dados do Estrato 4.

	Número de turmas	Textos analisados	Grafias da líquida palatal	Grafias da nasal palatal
1º ano	03	59	135	265
2º ano	17	347	2025	3180
3º ano	15	306	2577	4199
Total	35	712	4737	7644

Fonte: Elaboração própria - BATALE.

O número de texto analisados para as crianças portuguesas é maior que o número de textos analisados das crianças brasileiras devido ao critério de escolha dos estratos, que deveriam conter textos de crianças brasileiras e portuguesas dos três primeiros anos escolares e que houvessem sido coletados no mesmo período.

3.1.2.1 Descrição da líquida palatal

Dos 712 textos analisados com grafias de crianças portuguesas de 1º a 3º anos foram extraídas todas as grafias da líquida palatal, correspondendo a 4737 grafias. Nesses dados o número de acertos prevaleceu, com 93,6% e os erros de grafia corresponderam a 6,4%, conforme indica a Figura 20.

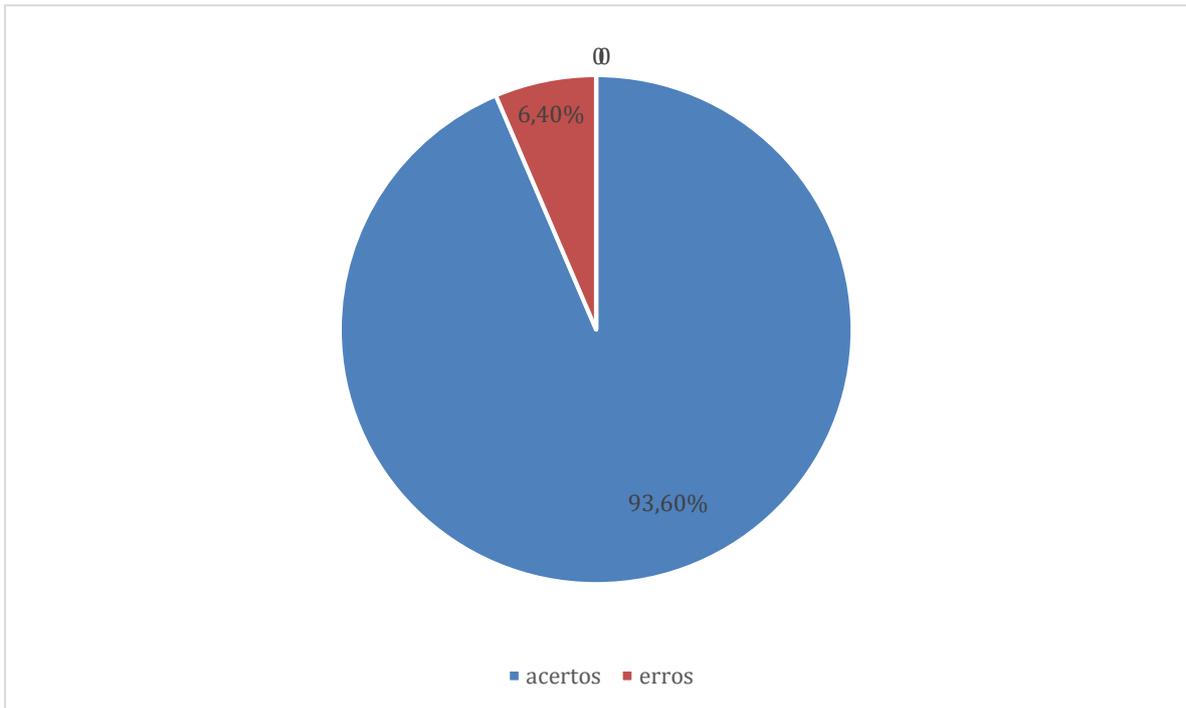


Figura 20 Acertos e erros da líquida palatal.

Fonte: Elaboração própria -BATALE.

Os erros equivalem a 304 grafias da líquida palatal e foi usado o mesmo critério de classificação dos dados de crianças brasileiras: separados por anos e tipos de erros encontrados em cada ano escolar, conforme a Tabela 12. Tipos de erros com a líquida palatal..

Tabela 12. Tipos de erros com a líquida palatal.

Tipos de erros	1º ano	2º ano	3º ano
Lh → L	Vermelho - vermelo	Orelha orela-	vermelho- vermelo
Apagamento	Melhor - meor	Vermelho - vermeo	Orelha - orea
L → lh	Sem ocorrências	Ela - elha	Nele - nelhe
Lh → nh	Vermelho – vermenho	Melhor- menor	Orelha - orenha
Lh → h	Vemelho- vermeho	Coelho- coeho	Melhor - meho
Lh → r	Vermelho- vermero	Melhor- meror	Vermelho- vermeiro
Lh → i	Olhos - oios	Sem ocorrências	Vermelho- vermeio
Lh → ll	Sem ocorrências	Vermelho - vermello	Barulho - barullo
Lh → ch	Sem ocorrências	Orelha - oreicha	Sem ocorrências
Lh → n	Sem ocorrências	Sem ocorrências	Orelhas - orenas
Lh → m	Sem ocorrências	Sem ocorrências	Melhor - memor

Fonte: Elaboração própria - BATALE.

Os 6,4% de erros encontrados da líquida palatal nos três anos escolares analisados das crianças portuguesas correspondem a 304 grafias. Os percentuais de erros expostos na tabela 13 foram obtidos a partir do cálculo separado em cada

ano escolar e apontaram que as crianças da 1ª série foram as que apresentaram maior dificuldade de grafia da líquida palatal.

Tabela 13. Percentual de erros da líquida palatal em cada série.

	1º ano	2º ano	3º ano
Contextos	135	2025	2577
Erros	19	170	115
Percentual	14,07%	8,39%	4,46%

Fonte: Elaboração própria - BATALE.

Na etapa seguinte do estudo, os 304 erros de grafias encontrados nos três anos escolares foram classificados e computados percentualmente em onze tipos de erros conforme mostra a Figura 21.

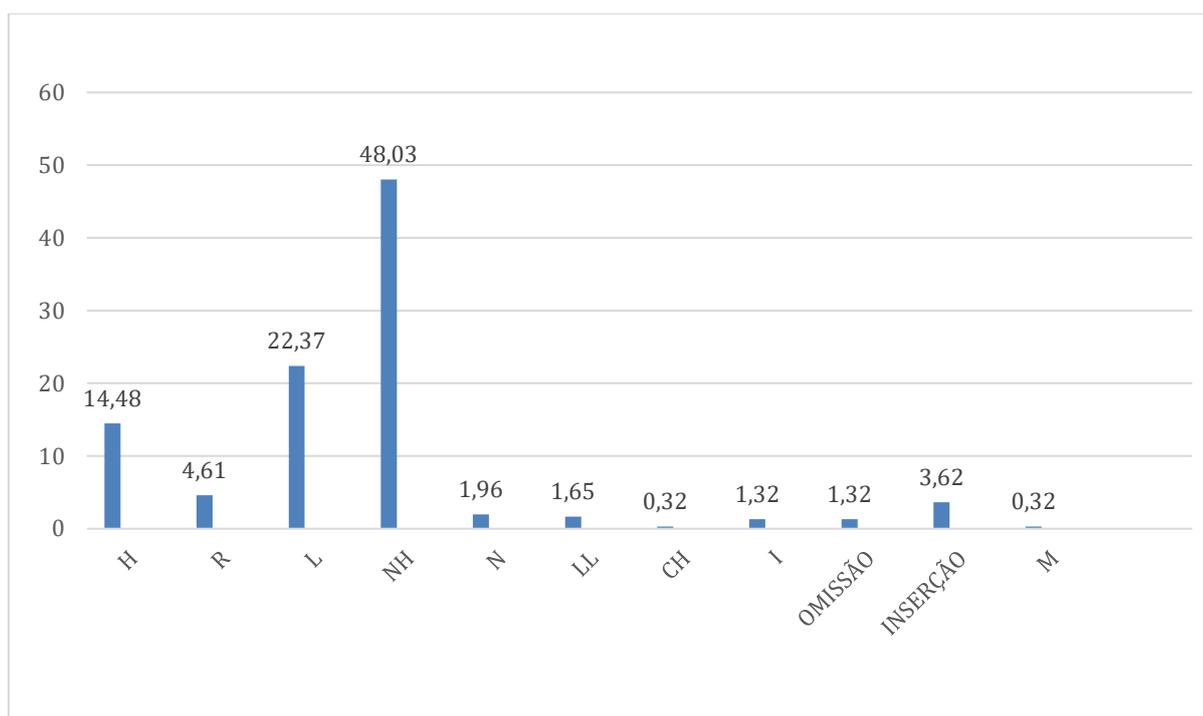


Figura 21 Percentual dos tipos de erros encontrados com lh.

Fonte: Elaboração própria -BATALE.

Os erros de grafia das crianças portuguesas, assim como os erros das crianças brasileiras, foram analisados de acordo com a proposta de Teixeira e Miranda (2008): erros com motivação fonológica e erros relacionados a falhas do conhecimento ortográfico.

- Os erros com motivação fonológica são os seguintes:
- A grafia de *l* para *lh*, como em *vermelo* para *vermelho*, equivale a 22,37% dos erros encontrados, sendo encontrada nos três anos escolares. Esse tipo de processo também é observado na aquisição da linguagem e Matzenauer (2000), como citado anteriormente, explica essa troca de *l* para *lh* por meio da Teoria Autossegmental. Na aquisição da escrita esse mesmo erro foi detectado em dados de crianças brasileiras e, diferentemente do que ocorre na aquisição da linguagem, pode ser entendido como o desligamento da articulação secundária vocálica, visto que esse segmento complexo já faz parte do inventário fonológico da criança.
 - A grafia de *r* para *lh*, como na palavra *vermelho* que se grafou *vermero*, esse erro foi detectado nos três anos escolares e representa 4,61% das estratégias usadas pelas crianças na tentativa de grafar a líquida palatal. Esse tipo de grafia suscita discussões pelo fato de ambas consoantes serem líquidas e as últimas a serem adquiridas no processo fonológico. Miranda (2014), atenta para a importância desse processo argumentando que essa troca não comum na fala e episódica na escrita, pode ser considerada um indicativo de que o 'r-fraco' é segmento complexo em sua constituição interna, tal qual as soantes palatais. Tal proposta foi feita por Matzenauer- Hernadorena (1996) que, ao tratar de dados de aquisição fonológica, sugere a presença de nó vocálico nas líquidas. Em 2012, Bisol traz dados de aquisição, nos quais se observa a semivocalização das líquidas, para rediscutir o comportamento do 'r' nos ditongos derivados de palavras como 'feira' e 'beira', por exemplo, e sugere que se trata de uma consoante complexa.
 - A grafia de *i* para *lh*, como em *oios* para *olhos*, equivale a 1,32% dos erros e foi observado nas turmas de 1º e 3º anos, estratégia também usada por crianças brasileiras. No processo de aquisição da linguagem, conforme demonstram estudos de Matzenauer (2000), também ocorre a semivocalização, para a palavra vermelha a criança produziu [ve'meja], isso ocorre devido a não ligação da constrição consonantal primária do segmento complexo, ligando apenas a articulação secundária vocálica.

- Omissão da líquida palatal, por exemplo, para a palavra *melhor* a criança grafou *meor*, correspondendo a 1,32% dos erros, processo identificado nos dados das turmas de 1º e 2º anos. Na aquisição da linguagem também se observa o apagamento dessa consoante que pode ocorrer até os (4:00 – 4:01) anos, idade em que esse segmento já deverá estar estabilizado (MATZENAUER, 2000). O contexto que precedeu o apagamento da líquida palatal foi a vogal e precedendo a líquida palatal, por exemplo, a grafia de *meor* para *melhor*, esse apagamento pode ser explicado por OCP, princípio que proíbe elementos adjacentes idênticos, sejam traços ou nós. Inicialmente, apaga-se a articulação consonantal da consoante complexa, produzindo-se apenas a articulação secundária vocálica que corresponde a vogal /i/. A vogal /i/, porém, assim como a vogal /e/, é [coronal], e o resultado é o bloqueio de traços adjacentes, para evitar a má formação da representação e a violação de OCP. Assim, como forma de resolução dessa violação ocorre o apagamento de uma das vogais ficando apenas a vogal que precede a líquida palatal. Como em *melhor* > *meior* > *meor*.
 - Inserção de grafia da líquida palatal, equivale a 3,62% dos erros e foi observado em turmas de 2º e 3º ano, como em *elha* para *ela*. Essa estratégia de inserção da líquida palatal no lugar da líquida lateral pode ser entendida como uma troca dentro da classe natural desses segmentos. Tendo em vista que a líquida palatal é [- anterior] e a líquida lateral é [+ anterior], a inserção ocorre devido ao traço [anterior] ligado ao [coronal] ser o que diferencia essas duas consoantes.
- Os erros classificados como de natureza ortográfica, ou seja, aqueles que não têm relação com processos fonológicos são os seguintes:
- A grafia de *h* para *lh*, por exemplo, *vemeho*, para *vermelho*, foi detectado um percentual de 14,48% dessa grafia, que pode ocorrer devido à falta de conhecimento da criança sobre a grafia do dígrafo que representa a líquida palatal. Tal erro ocorreu nos três anos escolares analisados e predominou nos dados do 2º ano, com 27 grafias.
 - A escrita de *nh* para *lh*, como em *menhor* para *melhor*, tem um alto percentual de ocorrências, 48,03%, sendo encontrado essa grafia nas turmas de 1º, 2º e 3º anos. Esse tipo de troca ocorreu em percentual muito baixo no 1º ano, com

apenas 5 grafias desse tipo. Tal erro indica que as crianças mesmo sabendo grafar os dois dígrafos, ainda têm dúvidas sobre qual segmento os dígrafos 'nh' e 'lh' representam. Essa estratégia também foi encontrada em dados de crianças brasileiras.

- A grafia de *n* para *lh*, foi observada em 1,96% dos erros, nesse caso, as crianças escreveram *orenas* para *orelhas*, e foi encontrado apenas nos dados do 3º ano.
- A grafia de *ll* para *lh* foi observada em dados do 2º e 3º anos escolares, representando 1,65% dos erros analisados, como amostra dessa grafia tem-se escrita de *brillante* para a palavra *brilhante*.
- A grafia de *ch* para *lh* ocorreu com um percentual muito baixo, sendo computada como 0,32% dos erros de grafia de *lh*. A ocorrência dessa troca de grafia dos dígrafos ocorreu apenas no 2º ano, tendo como exemplo *oreicha* para a palavra *orelha*.
- A escrita de *m* para *lh*, como em *memor* para *melhor*, foi verificada em um percentual muito baixo, caracterizando 0,32% de erros da líquida palatal. Essa grafia foi observada apenas em dados do 3º ano. Na grafia da *m* para *lh* ocorre o processo de assimilação dos traços da consoante anterior.

Como exposto acima, a grafia que predominou foi a do dígrafo *nh* para o *lh*, um tipo erro considerado ortográfico e comum para as crianças em fase de alfabetização, pois sabem que ocorre o uso de duas letras para grafar o som, porém ainda apresentam dúvidas sobre quais letras usam para essa grafia.

Além disso, a troca de *nh* para *lh* poderá ter relação com as classes naturais dos dois segmentos que são tidas como consoantes complexas compartilhando traços e diferenciando-se apenas pelos traços [lateral] e [nasal].

O segundo erro com número maior de ocorrências foi a grafia de *l* para *lh*, que correspondeu a 22,37% do número total de grafias erradas. Essa estratégia é considerada um erro de natureza fonológica e, de acordo com Matzenauer (2000), as trocas ocorrem porque a criança não estaria ligando, à estrutura do segmento, a constricção secundária vocálica. E, assim como a troca da palatal nasal pela líquida palatal, essa estratégia tem relação com as classes naturais, uma vez que, sendo a líquida lateral [+anterior] e a líquida palatal [-anterior], ambas se diferenciam somente pelo valor do traço [anterior].

3.1.2.2 Descrição dos dados da nasal palatal

Para compor os dados de aquisição das soantes palatais das crianças portuguesas foram analisados 712 textos de crianças de 1^o, 2^o e 3^o anos. Desses textos foram extraídas 7644 grafias da nasal palatal que foram classificadas em erros e acertos, conforme mostra a Figura 22.

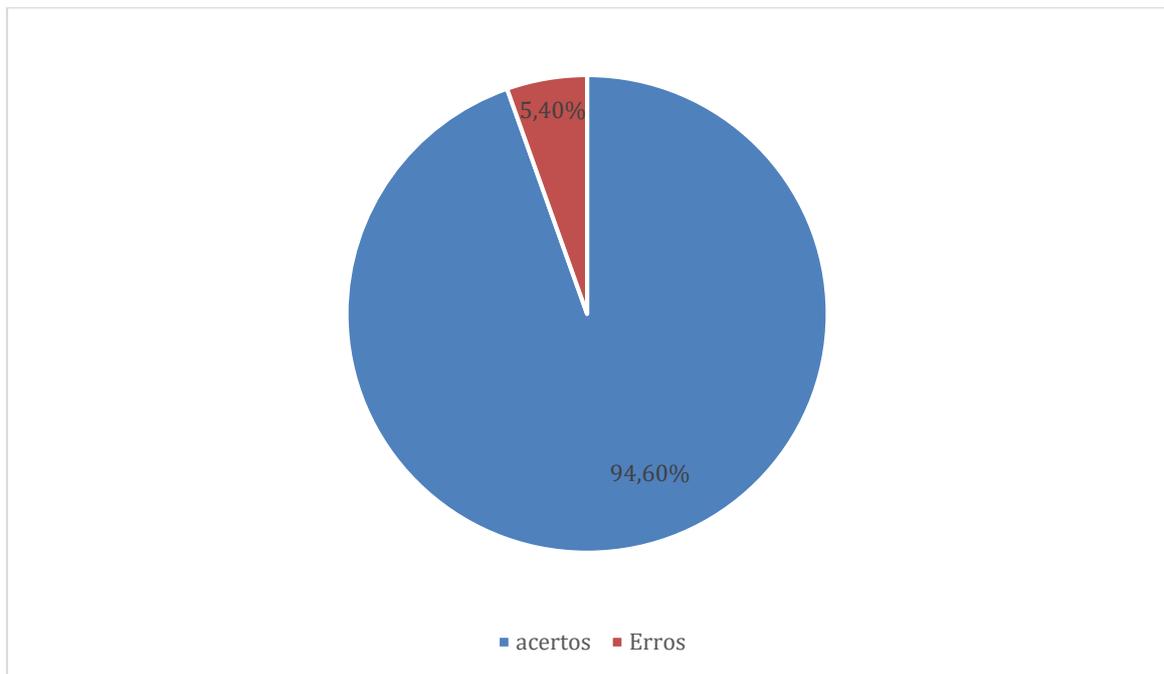


Figura 22 Acertos e erros da nasal palatal.

Fonte: Elaboração própria -BATALE

Do total de grafias, 94,6% são acertos e 5,4% são erros. Os erros, que equivalem a 414 dados, foram separados por tipos e anos escolares em que ocorreram, conforme indica a tabela 14.

Tabela 14. Erros da nasal palatal.

	1º ano	2º ano	3º ano
Nh → n	Avozinha - avozina	Capochinho - Capocino	Capochinho – Capochino-
Nh → lh	Minha- milha	Capochinho - Capochilho-	Avozinha - avozilha
Nh → mh	Sem ocorrências	Sem ocorrências	Lenhador- lemhador
Nh → h	Capuchinho - capuchiho	Capuchinho - Capuciho	Avozinha – avoziha
Nh → m	Sem ocorrências	Capochinho- Capochimo	Minha- mima
Nh → neh	Sem ocorrências	Avozinha- avozineha	Sem ocorrências
Apagamento	Sem ocorrências	Capuchinho- capuchio	Capochinho Capochio
Nh → nl	Sem ocorrências	Porquinhos- porcinlos	Sem ocorrências
Inserção	Veio - venho	Veio - venho	Veio – venho
Nh → ch	Sem ocorrências	Capochiho- capochicho	Sem ocorrências
Nh → hn	Sem ocorrências	Capochinho- Capozihno	Sem ocorrências
Nh → un	Sem ocorrências	Sem ocorrências	Capochinho- capuchiuno

Os 414 erros foram analisados percentualmente em cada ano escolar e a partir da computação dos dados observou-se que as crianças apresentam o maior número de erros de grafia dos três anos escolares analisados, conforme indica a Tabela 15.

Tabela 15. Percentuais de erros em cada ano escolar.

	1º ano	2º ano	3º ano
Contextos	265	3180	4199
Erros	15	195	204
Percentual	5,66%	6,13%	4,85%

Fonte: Elaboração própria - BATALE.

Os 414 erros encontrados foram classificados em 12 tipos diferentes e organizados em percentuais, conforme mostra a Figura 23.

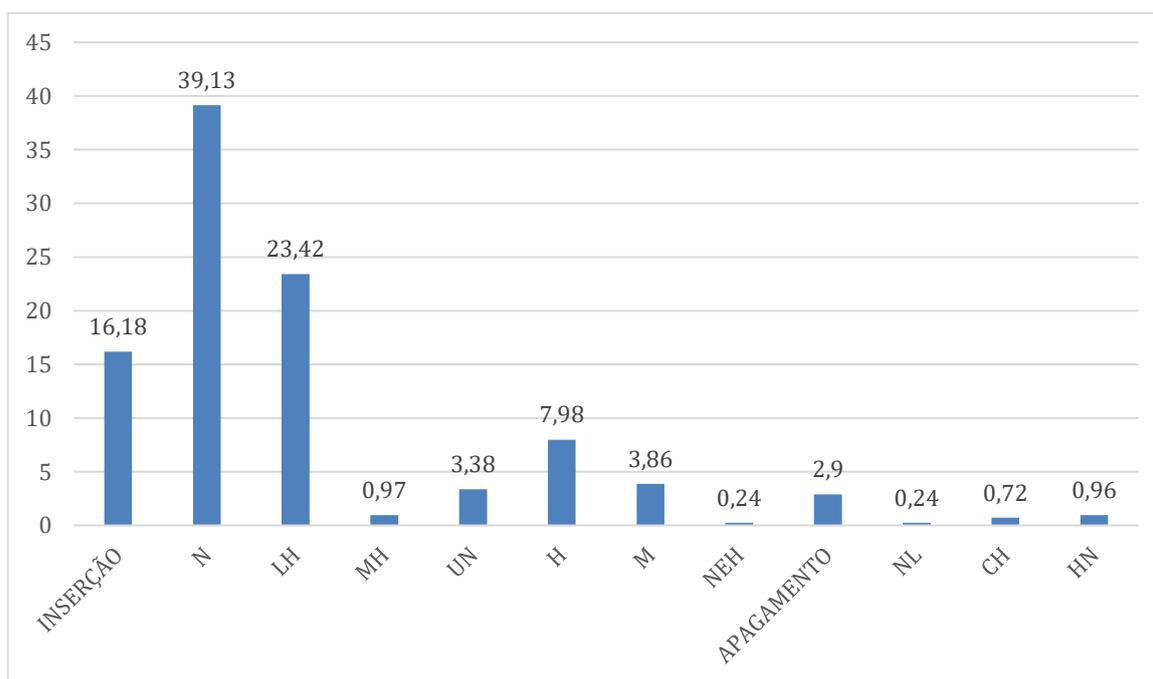


Figura 23 Tipos de erros em percentuais da palatal nasal

Fonte: Elaboração própria -BATALE

Conforme é possível observar na Figura 23 a estratégia de grafia de *n* para *nh* tem influências fonológicas e foi erro com maior número de ocorrências, correspondendo a 39,13% do percentual de erros da nasal palatal.

O segundo erro com percentuais mais altos de ocorrências é a grafia de *lh* para *nh*, com 23,42% dos erros observados de grafia do /*ɫ*/. Essa troca de grafia pode ser considerada ortográfica, visto que trata de dois dígrafos e que os grafemas 'nh' e 'lh' são problemáticos para a criança no processo de aquisição da escrita. Além disso, em termos fonológicos, essa troca de grafemas pode ter relação com as classes naturais dos segmentos /*ɲ*/ e /*ɫ*/, os quais são complexo e se diferenciam pelos traços [nasal] e [lateral].

Esses dois erros e as demais estratégias de grafias usadas pelas crianças portuguesas para a palatal nasal foram classificadas em:

- Erros fonológicos:

- A grafia de *n* para *nh*, como em *avozina* para *avozinha*, teve o maior percentual de ocorrência, com 39,13% do total de erros e foi observado na escrita dos três anos escolares analisados. Esse tipo de grafia também foi encontrada nos dados de crianças brasileiras deste estudo e em pesquisas anteriores realizados por Teixeira e Miranda (2008).

Considerando que a criança no processo de aquisição da escrita já adquiriu todos os segmentos, essa estratégia observada nas grafias das crianças portuguesas, assim como dos dados do terceiro estrato, pode ser entendida como o desligamento da constrição secundária vocálica do segmento complexo /*ɲ*/ e com isso ocorre a produção apenas da articulação primária consonantal.

- O apagamento do dígrafo *nh*, como no caso de *capochio* para *capochinho*, ocorre em 2,90% dos erros computados, nas turmas de 2º e 3º anos. De acordo com a regra de OCP o apagamento da nasal palatal ocorre da mesma forma que o da líquida palatal. Primeiramente a criança não faz a ligação da articulação primária consonantal da consoante complexa, ocorrendo apenas a produção da articulação secundária vocálica. Considerando que a vogal alta anterior /*i*/ precede o segmento complexo, quando se produz apenas a parte vocálica da palatal nasal está se infringindo a regra de OCP, pois a vogal que precede o segmento complexo assim como a vogal que representa a parte vocálica do segmento, possuem o traço [coronal] adjacentes a mesma camada. Por isso, como forma de resolver a má formação segmental ocorre também o apagamento de uma das vogais.

- A inserção do dígrafo *nh*, como no exemplo de *venho* para a palavra *veio*, foi encontrado nos três anos escolares e corresponde a 16,18% das grafias erradas da palatal nasal. Esse tipo de erro reforça a interpretação de Teixeira e Miranda (2008), que ao analisarem dados de aquisição da escrita em que esse mesmo erro ocorreu e as autoras interpretaram essa inserção de dígrafo como uma estratégia para evitar o hiato. Ou seja, a criança optaria pela sequência CV.CV para evitar o hiato como é o caso das palavras *venho* para *veio* e *inham* para *iam*.
- A grafia de *m* para *nh*, como no exemplo de *capuchimo* para *capuchinho*, equivale a 3,86% dos erros encontrados e foi percebida nas turmas de 2º e 3º anos. Essa estratégia, assim como a grafia de *n* para *nh*, pode ser entendida como uma forma de evitar a complexidade do segmento complexo /ɲ/, então produzindo um segmento simples. Esse erro além de fonológico pode ser entendido como ortográfico, pois além da troca do segmento complexo pelo simples também há um erro no traçado de letra, podendo esse erro ser interpretado como um erro híbrido.
- A grafia de *un* para *nh*, foi observada em 3,38% dos erros e concentrada apenas em dados do 3º ano. Essa estratégia pode ser interpretada como uma forma de evitar a complexidade fonológica e ortográfica da palavra. A complexidade fonológica porque ocorrem duas consoantes complexas na palavra *capuchinho*, o /j/ e o /ɲ/ e a complexidade segmental se deve aos dígrafos 'ch' e 'nh'.

- Erros ortográficos são tidos neste estudo como aqueles que estão relacionados às regras do sistema ortográfico:

- A grafia de *lh* para *nh*, como em *capochilho* para *capochinho*, corresponde a 23,42%, esse troca de grafia é comum em crianças em fase de alfabetização, pois sabem que tanto o *lh* quando o *nh* são dígrafos, mas ainda têm dúvidas quanto ao uso de cada um. Tal estratégia também foi usada por crianças brasileiras.
- A grafia de *mh* pra *nh*, como em *camimo* para a palavra *caminho*, é um erro ortográfico que foi observado em percentuais baixos, com 0,97% e apenas em dados do 3º ano.

- O uso de *h* por *nh*, por exemplo a palavra *avoziha* para *avozinha*, foi encontrado em 7,98% dos erros, sendo produzido nos três anos escolares.
- A escrita de *nl* para *nh* corresponde a 0,24% dos erros computados e foi encontrada em dados de 2º ano. Exemplo dessa estratégia é a grafia de *capochinlo* para *capochinho*.
- A grafia de *ch* para *nh* foi computada em 0,72% dos erros e pertence a dados de escrita do 2º ano.
- A grafia de *hn* para *nh*, como em *camihno* para *caminho*, foi encontrada em 0,96% dos dados.
- A grafia de *neh* para *nh*, por exemplo a palavra *avozineha* para *avozinha* foi observado somente no 2º ano com 0,24% do percentual de total de erros da nasal palatal. Essa estratégia de grafia possui características de influência fonológicas e ortográficas, podendo ser considerado um erro híbrido. As influências fonológicas se devem ao fato da criança ao inserir a vogal média anterior 'e' estaria tentando evitar a complexidade da palatal nasal. Em relação ao erro ortográfico é possível observar que a criança já tem conhecimento do dígrafo, porém ainda tem dúvida de grafia.

Os dados do estrato 4 revelaram o predomínio de erros em termos números de ocorrências da líquida palatal com 6,4% de erros, para a nasal palatal o número de erros foi menor, computando 5,4% de erros. Quanto aos tipos de erros, foram registrados seis tipos de erros para a grafia do *lh* e para a grafia do *nh* doze tipos de estratégias. Além disso, os erros das duas soantes palatais foram verificados nos dados dos três anos escolares analisados. A seção seguinte abordará os erros motivados pela fonologia nos dois Estratos analisados para compor este estudo.

3.2 Erros fonológicos das soantes palatais /ʎ/ e /ɲ/ - Crianças brasileiras e portuguesas

Nessa seção, são descritos os erros de grafia das soantes palatais /ʎ/ e /ɲ/ decorrentes de motivação fonológica e o erro considerado híbrido – aqueles em que se observa a simultaneidade de influência fonológica e ortográfica no mesmo dado, os quais foram verificados no terceiro e quarto Estratos do BATALE.

Sobre a grafia do *lh*, os dados demonstraram que tanto as crianças brasileiras como as portuguesas apresentam dificuldades de grafias da líquida palatal com alguma motivação fonológica, conforme a Tabela 16.

Tabela 16 Erros da líquida palatal com influências fonológicas.

Estrato 3 - Crianças brasileiras	Estrato 4 - Crianças portuguesas
Lh → li – armadilha - armadilia	Lh → l – vermelho -vermelo
Lh → i – velha – veia	Lh → r – vermelho - vermero
	Lh → i – olhos - oios
	Apagamento – melhor - meor
	L → lh – ela - elha

Fonte: Elaboração própria- BATALE.

De acordo com os dados apresentados na Tabela 16, as crianças brasileiras e portuguesas produziram seis tipos de erros considerados de motivação fonológica para a líquida palatal. Desses erros apenas a grafia de *i* para *lh* foi encontrada nos dados dos dois estratos. Quanto aos anos escolares, as crianças brasileiras apresentaram erros de grafia de *lh* apenas na terceira série, já as crianças portuguesas apresentaram erros de grafia da líquida palatal nos três anos escolares.

Da nasal palatal, assim como da líquida palatal, foram encontradas mais variedades de erros nos dados das crianças portuguesas, em que se observou seis tipos de erros com influências fonológicas. Já as crianças brasileiras produziram

apenas dois tipos de erros fonológicos da palatal nasal, conforme indicado na Tabela 17.

Tabela 17 Erros da nasal palatal com influência fonológica.

Estrato 3- Crianças brasileiras	Estrato 4- crianças portuguesas
Apagamento – varinha - varia	Apagamento – capochinho - capochio
Nh → n – ratinho - ratino	Inserção – veio - venho
	Nh → un – capuchinho - capuciun
	Nh → n – netinha - netina
	Nh → m – tinha - tima
	Nh → Neh – avozinha – avozineha

Fonte: Elaboração própria- BATALE.

Conforme se observa no Tabela 17 o apagamento da nasal palatal e a grafia de *n* para *nh* foram os dois erros que ocorreram nos dados brasileiros e portugueses. Nos dois estratos analisados houve ocorrência de erros nos três anos escolares analisados. Os erros que envolvem alguma motivação fonológica são os seguintes:

- A grafia de *li* para *lh*, por exemplo, como em *armadilia* para a palavra *armadilha*, conforme mencionado anteriormente, ocorreu apenas em dados de crianças brasileiras. Além disso, também é um tipo de estratégia encontrada em dados de aquisição fonológica da consoante complexa.

Na aquisição da escrita esse tipo de erro já foi observado em estudos de Teixeira e Miranda (2008) ao tratarem de dados de escrita espontânea de crianças brasileiras de 1^a a 4^a série do ensino fundamental. No estudo as autoras classificaram as estratégias de grafias em: erros que evidenciam processos fonológicos e erros relacionados a falhas do conhecimento relativo à representação dos sons e/ou uso dos dígrafos. Além disso, o estudo mostrou simetrias entre o processo de aquisição da escrita com o processo de aquisição da linguagem.

De acordo com a proposta de Calabrese (1988), quando um sistema fonológico tem seu grau de complexidade excedido, são utilizadas estratégias de simplificação tais como: fissão, desligamento e negação.

Consoante a proposta de Calabrese, a passagem de *lh* para *li* é interpretada como processo de fissão, o qual transforma uma unidade de tempo X em duas unidades XX.

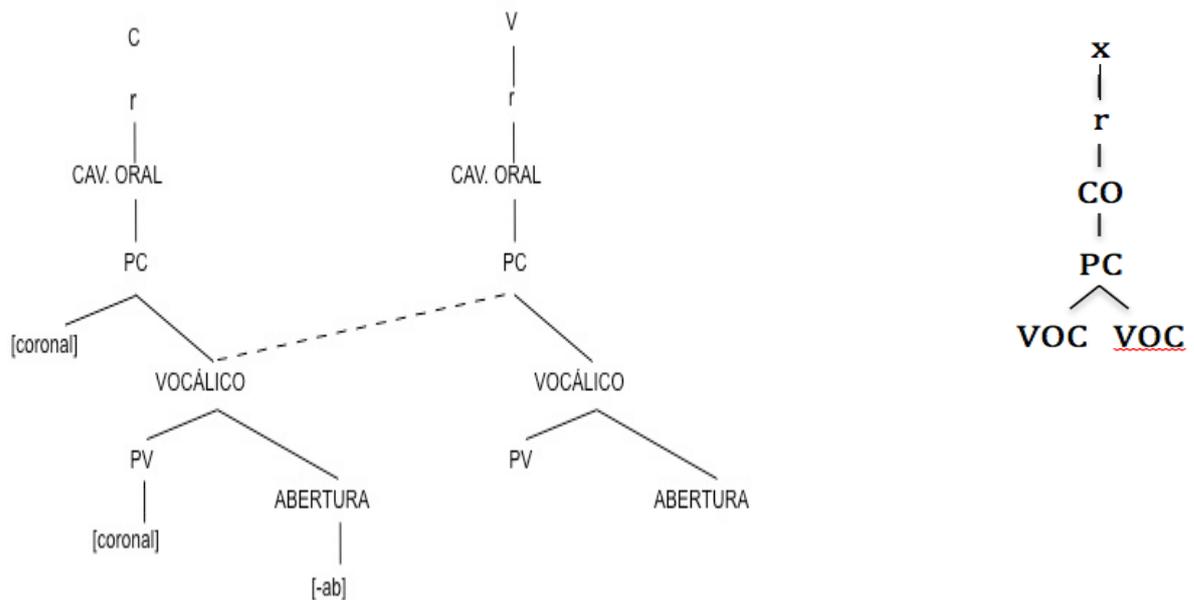


Figura 24 Representação da sequência [li] a partir de uma consoante complexa.

Fonte: MIRANDA, 2014.

A Figura 24 expressa dois passos que explicam a produção da sequência [li], a partir de uma consoante complexa, /r/ e /r/. Na primeira, tem-se a representação de um espraiamento do nó vocálico que se liga ao nó da vogal seguinte, note-se que as palatais estão sempre entre vogais. Tal operação deriva na segunda representação e o resultado fere a Condição de Ramificação (CLEMENTS, 1989), segundo a qual é proibido a um nó não terminal ramificar e associar-se a outro nó que pertença a mesma camada autosssegmental. O resultado, portanto, é a projeção de nova raiz.

- A grafia do *i* para o *lh*, como na palavra *veia* para *velha* em dados de crianças brasileiras, e na grafia de *oios* para *olhos* na escrita de crianças portuguesas são dados que evidenciam outro tipo de erro produzido pelas crianças

para escrita da consoante palatal /ʎ/. Essa estratégia foi encontrada nas turmas de 3ª série do estrato 3 e nas turmas de 1º e 3º anos do estrato 4. A representação desse processo, de acordo com a proposta da Teoria Autossegmental, ocorre através do desligamento da constricção primária consonantal da consoante complexa /ʎ/ conforme Figura 25.

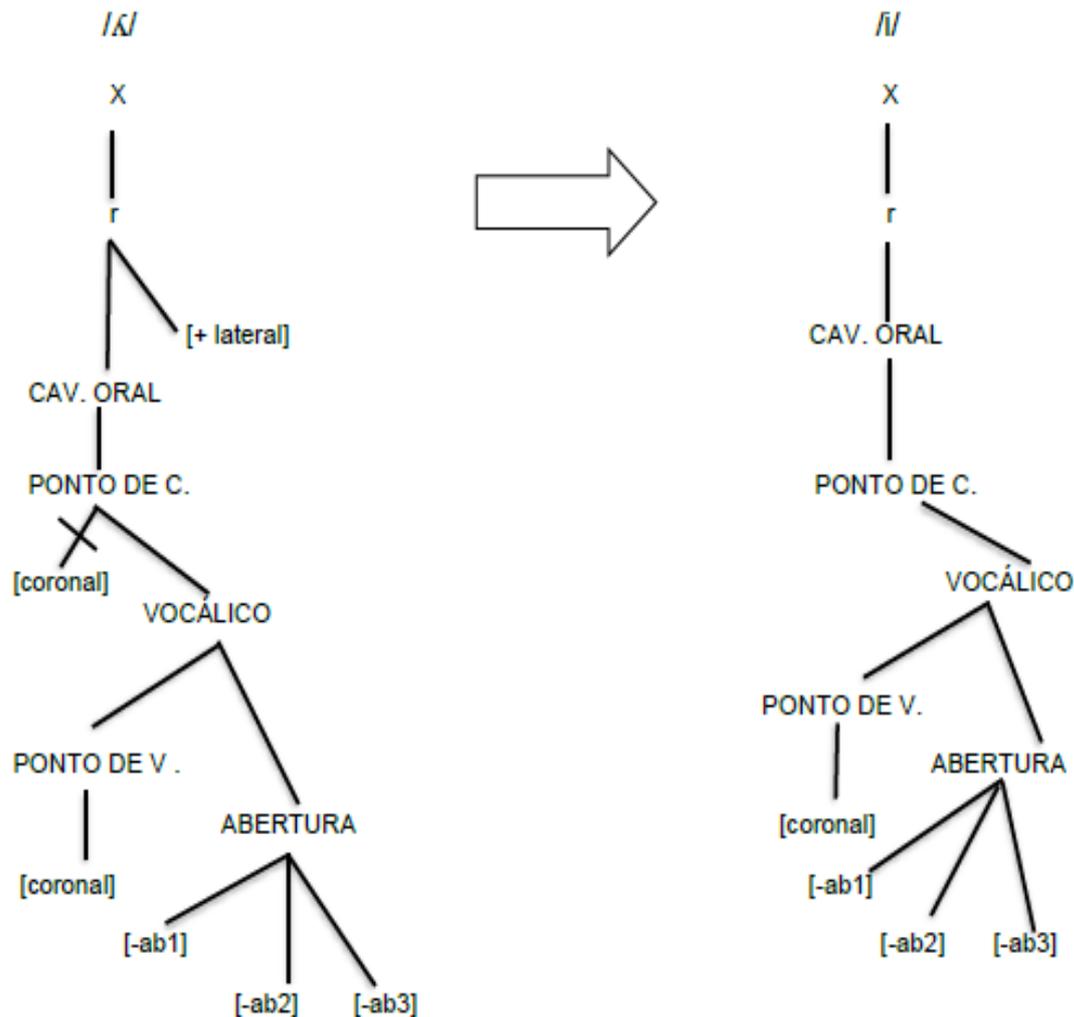


Figura 25 Representação do desligamento da constricção primária consonantal da consoante complexa /ʎ/.

- A grafia de *l* para *lh*, como em *vermelho* para *vermelho*, foi encontrada somente nos dados de crianças portuguesas, já em dados de aquisição da linguagem Matzenauer (2000) encontrou esse processo em dados de crianças brasileiras. Para a grafia da palatal nasal ocorre processo semelhante quando as crianças grafam o *n* para o *nh*, como em *capuchino* para *capuchinho*, nos dados de Portugal e na grafia de *avozina* para *avozinha*, nas estratégias usadas nos textos do

Brasil. Esse processo ocorre devido ao desligamento da constrictão secundária vocálica do segmento da consoante complexa, dessa forma a estrutura apresentará apenas a constrictão primária consonantal, conforme expresso na Figura 26.

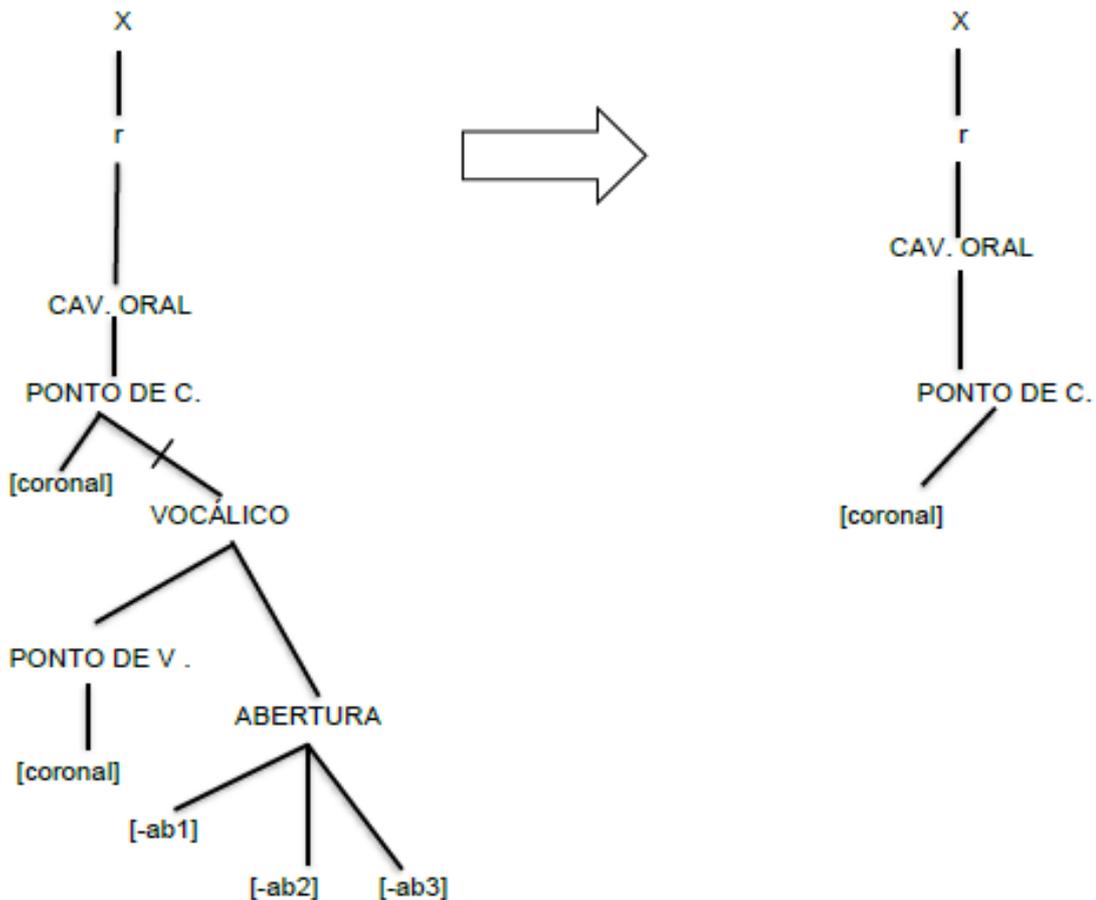


Figura 26 desligamento da constrictão secundária vocálica do segmento complexo.

- A grafia do r para o lh, como em *vemero* para *vermelho*, é outra estratégia que foi verificada somente nos dados de escrita das crianças portuguesas. Conforme Figura 27.

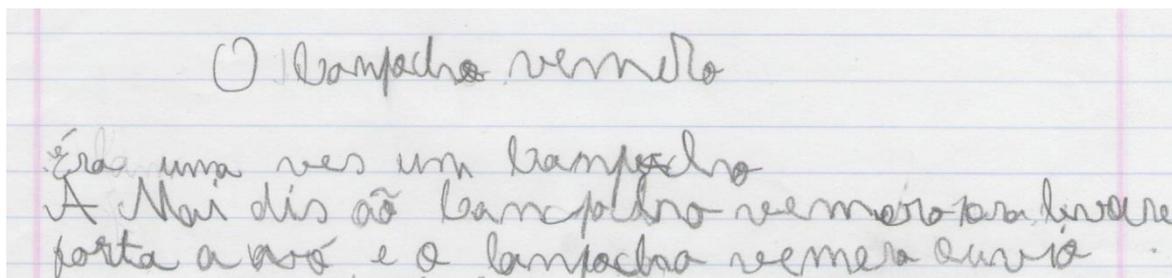


Figura 27 Grafias do estrato 4 - BATALE.

Fonte: BATALE.

Essa estratégia se assemelha àquelas observadas em dados de aquisição da fala, ainda que em dados episódicos as crianças fazem essa troca durante a aquisição do sistema fonológico. Estudos de Miranda (2014), em aquisição da escrita, constataram essa troca de r- fraco pela líquida palatal, e esse processo foi justificado pelo fato dessas duas consoantes serem as últimas líquidas adquiridas no processo de desenvolvimento fonológico. Além disso, essas ocorrências de r-fraco para a líquida palatal corroboram a argumentação de Matzenauer-Hernadorena (1996) de que a rótica alveolar tem sua constituição interna complexa, no estudo a autora defende que todas as líquidas são consoantes complexas.

- O apagamento da líquida palatal ocorreu apenas nos dados do estrato 4 e foram encontrados três tipos de erros e em dois anos escolares conforme a Tabela 18:

Tabela 18 Contextos de apagamento da líquida palatal.

Contexto de apagamento	Ano escolar
Melhor → mior	1º ano
Melhores → meores	2º ano
Melhor → meor	2º ano

Fonte: Elaboração própria – BATALE.

Os apagamentos verificados da líquida palatal reforçam a ideia de que as consoantes complexas são problemáticas para a fase de aquisição da escrita, assim como na aquisição da linguagem em que é comum a criança omitir esse segmento

ou produzir outras consoantes para substituir essa consoante que ela ainda não possui em seu inventário fonológico.

De acordo com Miranda (2013), no sistema vocálico do português, especificamente no pretônico, se observa a presença da neutralização, fenômeno cujo resultado é a eliminação de oposição entre as vogais médias altas e as médias baixas. Nesse sentido, ao observar a presença de vogais /e/ e /i/ na posição pretônica dos contextos em que houve apagamento das líquidas palatais, conforme tabela 18, é possível pensar que ambas ainda não estão definidas quanto à altura e o processo de OCP dá conta desse apagamento.

Primeiramente, a criança faz o desligamento da articulação primária consonantal da líquida palatal, restando a articulação secundária vocálica que possui o traço [coronal], assim como as vogais pretônicas /e/ e /i/ que precedem o segmento complexo. Esse processo viola a regra de OCP, pois os segmentos com traço [coronal] estão em camada adjacente, o que não é permitido. Para solucionar essa violação de regra, na etapa seguinte ocorre o apagamento de uma das vogais que possui o traço [coronal].

- A troca de uma consoante simples // pela complexa /ʎ/, como quando a criança grafou *elha* para *ela*, pode ser entendido como um erro com influências ortográficas, ao pensar que a criança estaria em processo de aprendizagem do dígrafo correspondente a líquida palatal e já possuir tanto a líquida palatal quanto a consoante simples // em seu inventário fonológico.

Na aquisição da linguagem os sons menos marcados são adquiridos anteriormente aos mais marcados, porém nestes casos de inserção parece ocorrer o processo inverso, pois a criança substitui a consoante simples, que é adquirida previamente, pela consoante complexa que é uma das últimas a compor o inventário fonológico do português.

Além disso, ao observar os dados de grafias em que ocorre a troca de // para /ʎ/, é possível verificar que só ocorreu inserção da líquida palatal em contextos em que já havia o // consoante que corresponderia a parte consonantal da consoante complexa. Ainda se pode observar que o traço [anterior] é o que diferencia a líquida simples //, encontrada em todos os contextos de inserção da líquida palatal.

- Apagamento da nasal palatal ocorreu em dados dos dois estratos, conforme indicado na Tabela 19.

Tabela 19 Contextos de apagamento da palatal nasal.

Contexto de apagamento	Estrato 4- anos escolares	Estrato 3- anos escolares
Varinha- varia	Sem ocorrências	3º série
Capuchinho- capuchio	2º ano/ 3º ano	Sem ocorrências
Bocadinho- bocadio	2º ano	Sem ocorrências
Caminho- camio	2º ano	Sem ocorrências

Fonte: Elaboração própria -BATALE.

Nos dados de Portugal houve o apagamento da palatal nasal nos três anos escolares analisados, já as crianças brasileiras omitiram apenas na 3ª série. Esse processo envolvendo a consoante /ɲ/, como mencionado anteriormente, também foi observado por Matzenauer (2000) em dados de aquisição da linguagem. Na tabela 19, é possível observar que em todos os contextos de ocorrência da omissão da palatal nasal forma-se uma sequência de duas vogais, condição contrária ao que ocorre nos casos de inserção da nasal palatal. Conforme mencionado anteriormente, o apagamento da nasal palatal ocorre de acordo com a regra de OCP, assim como o apagamento da líquida palatal.

- A inserção da nasal palatal foi detectada somente na escrita das crianças portuguesas e ocorreu nos três anos escolares examinados, de acordo com a Tabela 20.

Tabela 20 Contexto de inserção da nasal palatal.

Contexto de inserção	Estrato 4
Tem- tenhe	3º ano/ 2º ano
Quem- quenhe	3º ano
Veio- venho	1º ano

Assim- assinhe	2º ano
Venhe- vem	2º ano

Fonte: Elaboração própria.

Nos exemplos de *tenhe* para *tem*, *quenhe* para *quem*, *assinhe* para *assim* e *venhe* para *vem*, tem-se casos de grafias notoriamente difíceis para as crianças, conforme vem sendo discutido por Miranda (2009 e 2018) quando enfoca a nasalidade do português. Nestes casos, a complexidade que vem sendo observada para o registro da nasalidade final e medial parece se resolver pela reestruturação da palavra que resulta em uma forma que não contém a propriedade difícil.

Já o dado *veio* que é registrado como *venho*, Teixeira e Miranda (2008) defendem que ocorre a inserção do dígrafo 'nh' como uma forma de evitar o hiato e manter a estrutura CV.CV da língua. Assim tem-se o mesmo processo de inserção de 'nh' motivado por aspectos distintos do funcionamento da língua, a saber, o ditongo nasal e o hiato, ambas as estruturas suscetíveis a processos.

-Grafia de *un* para *nh*, por exemplo em *capuchiun* para *capuchinho*, foi encontrada em dados de escrita de crianças portuguesas e apenas no 3º ano escolar. Ao comparar essa estratégia com o processo de inserção da nasal palatal, parece ocorrer o processo inverso.

Essa estratégia pode ser interpretada como uma forma de evitar a complexidade fonológica e ortográfica da palavra. A complexidade fonológica porque ocorrem duas consoantes complexas na palavra *capuchinho*, o /j/ e o /ɲ/ a complexidade segmental se deve aos dígrafos *ch* e *nh*. Assim, na tentativa de eliminar a complexidade fonológica, a criança, primeiramente, deixa de ligar a articulação secundária vocálica, como no caso de *capuchino* para *capuchinho* e na sequência ocorre a metátese, como nas grafias observadas de *capuchiun* para *capuchinho*. Em termos de complexidade ortográfica essa estratégia é interpretada como a tentativa de eliminar dois dígrafos da palavra. Dessa forma, ocorre uma metátese associada a uma mudança de *nh* para *n*, com o objetivo de evitar duas consoantes complexas na palavra.

3.3 Comparação entre dados de aquisição da escrita e da diacronia

3.3.1 Líquida palatal

Os processos com influência fonológica encontrados nos dados de aquisição da escrita da líquida palatal foram os seguintes, conforme a Tabela 21.

Tabela 21 Processos observados na aquisição da escrita.

Processos	Exemplos
Lh → li	Vermelho- vermelio
Lh → i	Velha- veia
Lh → l	Vermelho- vermelo
Lh → r	Vermelho- vermero
Apagamento	Melhor- meor
L → lh	Ela- elha

Fonte: Elaboração própria- BATALE.

Com base na bibliografia consultada, foram observados os processos que originaram a líquida palatal do português, conforme exposto na Tabela 22.

Tabela 22 Processos observados na diacronia da líquida palatal.

Processos	Exemplos
Cl → lh	oc(u)lu > olho
Pl → lh	scop(u)lu > scoclu > escolho
Bl → lh	trib(u)lu > trilho
Gl → lh	teg(u)la > telha
Tl → lh	vetlu > velho

Lli → lh	alliu> alho
Li → lh	filiu> filho
LI → lh	Caballariu> cavaleiro

Fonte: Elaboração própria -BATALE.

Na perspectiva de Teyssier (2001) quando ocorre o apagamento da vogal /u/, no caso de o *oculum*> *oclu*, o *c* antes pronunciado como /k/ passa iode /j/, formando uma nova sequência /jl/, que em galego-português passa a líquida palatal. Neuschrnk (2011) defende que para as sequências /gl/, /pl/, /bl/ e /tl/ ocorre o mesmo processo observado na sequência /kl/.

O segmento /lli/ também deu origem à líquida palatal, como em *alliu*>*alho*. Nesse processo, inicialmente, ocorre o apagamento de uma das consoantes devido à violação da regra de OCP, que proíbe a adjacência de segmentos idênticos. Na etapa posterior ocorre a palatalização da consoante alveolar, para isso, realiza-se o espraçamento do nó vocálico do segmento seguinte para o ponto de consoante da lateral alveolar /l/. Dessa forma, transformando o segmento simples /l/ em um segmento complexo, com uma articulação primária consonantal e uma articulação secundária vocálica.

Da evolução de /li/ ou /l/ também decorre a líquida palatal, como em:

alienu>*alheio*

palea> *palha*

Nesse processo ocorre a palatalização da consoante /l/, assim como na mudança de /lli/ para /ʎ/, o que motiva a palatalização é a presença da semivogal /j/ e da vogal /e/ que sucedem a lateral alveolar. A formação da consoante complexa se dá com o espraçamento do nó vocálico do segmento posterior para o ponto de consoante da consoante /l/.

Ao comparar os processos utilizados pelas crianças ao grafarem a líquida palatal, conforme a Tabela 21, com os processos da diacronia dessa mesma consoante, Tabela 22, é possível observar:

- na grafia de li para lh, produzida durante a aquisição da escrita, tem-se uma grafia que corresponde ao que na fonologia é tratado como uma fissão de nós. Segundo Calabrese (1988), esse processo de simplificação consiste em dividir um conjunto de traços em dois conjuntos sucessivos, cada um contendo características diferentes do segmento inicial. A criança faria uma simplificação do segmento complexo ao grafar uma consoante simples e a vogal /i/ no lugar da líquida palatal.

- na diacronia é observado um processo inverso ao encontrado na aquisição da escrita, em que há o espraçamento do nó vocálico da semivogal /i/ para a consoante /l/. Esse processo de espraçamento ocorre na evolução de todos os segmentos que originam a líquida palatal. O que difere entre os processos de formação dessa consoante complexa são as etapas que precedem a constituição das sequências /li/ ou /jl/, em que há o espraçamento do nó vocálico da semivogal para o /l/ e, conseqüentemente, forma a consoante complexa.

- em relação ao traço [anterior], observa-se que na evolução da língua ocorre a passagem do [+anterior] para o [-anterior], como em *alienu* > *alheio*. Já na aquisição da escrita ocorre o processo inverso, como na palavra *orelha* quando grafada como *orela*, em que passa do [-anterior] para o [+anterior]. Borges (1996) observou essa mudança de valores do traço de anterioridade na aquisição da linguagem e nos processos diacrônicos da língua.

Os demais processos observados na escrita também resultam, via de regra, em grafias que correspondem a formas menos complexas, em se considerando a complexidade interna da soante. Ao mesmo tempo, são dados que revelam a estrutura interna, ou pelo menos, parte dela, trazendo reforço à ideia de que internamente tais consoantes são constituídas por dois articuladores, um consonantal e outro vocálico.

3.3.2 Nasal palatal

Na análise dos dados de aquisição da escrita da nasal palatal foram observados os seguintes processos, conforme a Tabela 23.

Tabela 23 Processos observados na aquisição da escrita da nasal palatal.

Processos	Exemplos
Apagamento	Caminho – camio
Inserção	Veio – venho
Nh → n	Netinha – netinha
Nh → um	Capuchinho – capuciun
Nh → m	Tinha – tima
Nh → neh	Avozinha – avozineha

Fonte: Elaboração própria – BATALE.

A nasal palatal, de acordo com a bibliografia consultada, originou-se a partir dos seguintes processos, conforme a Tabela 24:

Tabela 24 Processos observados na diacronia da nasal palatal.

Processos	Exemplos
in → nh	Vinu> vinho
gn → nh	Pugnu> punho
ni → nh	seniore> senhor
Nn →nh	Pinna> pinha

Um dos processos de evolução que envolve o surgimento da palatal nasal se dá a partir do segmento /in/, que ocorre apenas em posição intervocálica, como em:

Vinu > *vinho*

Vicinu > *vizinho*

De acordo com a proposta da Teoria Autossegmental esse processo se dá a partir do espraiamento do ponto de nó vocálico da vogal /i/ para o ponto de consoante da consoante seguinte /n/. A partir do espraiamento surge uma nova configuração do segmento, que terá duas articulações: uma primária consonantal e uma secundária vocálica, sendo os segmentos que possuem essa configuração complexos (MATZENAUER, 2000).

O segmento /ni/, também em contexto intervocálico, em consequência da palatalização torna-se a nasal palatal, por exemplo:

Ciconia > *cegonha*

Ingeniu > *engenho*

O processo de evolução desse segmento assemelha-se àquele observado quando /in/ torna-se /ɲ/. Tanto a evolução de /in/ para nasal palatal quanto a mudança de /ni/ para /ɲ/ ocorrem a partir do espraiamento do nó vocálico da semivogal /i/ para a consoante nasal, o que muda de um processo para o outro é que no primeiro a semivogal precede a consoante e no segundo a consoante nasal precede a semivogal. Após o espraiamento do nó vocálico da semivogal /i/ a consoante simples passa a ter uma dupla articulação, com traços consonantais e vocálicos formando a consoante complexa /ɲ/.

A sequência /gn/ também é uma das origens da nasal palatal, como em *pugnu* > *punho*, *lignu* > *linho* e *signa* > *senha*. Essa evolução de acordo com Williams (2001) ocorreu da seguinte forma:

[gn] > [jn] > [jñ] > [ñ]

Ao analisar os dados de aquisição da escrita e os processos que ocorreram na evolução da nasal palatal foi possível observar que:

- na aquisição da escrita a criança ao grafar *n* para a nasal palatal está fazendo um processo de simplificação do segmento complexo, assim como ocorre na grafia da líquida palatal. Esse tipo de troca de grafia também pode ser relacionada à classe natural das duas consoantes, que se diferenciam pelo traço [anterior].

- nos processos envolvidos na diacronia da nasal palatal observou-se, assim como na evolução da líquida palatal, um processo inverso ao que ocorre durante a aquisição da escrita das soantes palatais. Por exemplo, na grafia de *netina* para *netinha*, há uma simplificação do segmento complexo. Já na evolução de *vinu* > *vinho* ocorre uma complexificação de segmento em consequência do espriamento do nó vocálico da semivogal para a consoante, processo que também ocorre na evolução de *ciconia* > *cegonha*.

- quanto ao traço [anterior], na nasal palatal também foram observadas trocas semelhantes as ocorridas na líquida palatal. Ocorrendo o processo inverso do traço [anterior] na aquisição e não diacronia.

- nas grafias de *neh* e *m* também ocorreram processo de simplificação da complexidade da nasal palatal, visto que ao inserir uma vogal entre o dígrafo e a produção de *m* para substituir a consoante complexa a criança está em busca uma forma de desfazer a complexidade ortográfica e fonológica desse segmento.

4 Considerações finais

Tendo em vista a complexidade das soantes palatais na aquisição da linguagem (MATZENAUER, 2000), na aquisição da escrita (TEIXEIRA e MIRANDA, 2008, MIRANDA, 2014), e que essas duas consoantes não faziam parte do sistema consonantal do latim clássico, este estudo teve os seguintes objetivos: levantar apontamentos e considerações à respeito das soantes palatais, com base em dados de gramáticas históricas; descrever e analisar os processos observados na aquisição da escrita das soantes palatais do português, com base em dados de escrita inicial; comparar os processos encontrados na diacronia e na aquisição da escrita das soantes palatais, considerando aspectos fonológicos.

As soantes palatais do português surgiram a partir de processos que ocorreram durante a evolução do latim clássico ao português. Em busca dos processos que desenvolveram essas duas consoantes foi feito o mapeamento em bibliografias que tratavam da evolução das soantes palatais. De acordo com Silva (2001), a palatal líquida resulta da palatalização de sequências como: /li, lli, kl, gl, pl/; e a palatal nasal do processo de palatalização de /ni/. Os dados que trataram da diacronia demonstraram que apesar de surgirem de diferentes segmentos, a etapa final dos processos que envolviam as soantes palatais era composta pelas consoantes /l/ ou /n/ acompanhados da semivogal /i/.

Na aquisição da linguagem, Matzenauer (2000) observou diferentes produções para as soantes palatais, entendendo essas consoantes como complexas por terem em sua estrutura interna duas articulações: uma primária consonantal e uma secundária vocálica. Consoante com a proposta da complexidade das soantes palatais de Matzenauer (2000), Teixeira e Miranda (2008) em estudos com dados de aquisição da escrita corroboram a ideia de que essas consoantes são complexas ao detectarem estratégias de grafias que demonstraram a dificuldade que as crianças têm durante a aquisição da escrita de *nh* e *lh*.

Tendo em vista os estudos citados anteriormente, que demonstraram a dificuldade apresentada por crianças ao grafarem essas duas consoantes, este estudo se propôs a descrever e analisar dados de escrita de crianças brasileiras e portuguesas, a fim de observar quais dificuldades de grafia das soantes palatais as crianças dos dois países iriam apresentar. A partir da análise dos dados de

aquisição da escrita constatou-se, por meio dos tipos de erros produzidos pelas crianças, que essas duas consoantes são problemáticas para as crianças brasileiras e portuguesas no processo de aquisição da escrita.

Ao realizar a comparação dos erros verificados, nos dois Estratos analisados com os metaplasmos apontados pelas bibliografias consultadas, foi possível observar que os processos ocorrem em direções opostas – na diacronia e na aquisição da escrita. Na diacronia o processo de espriamento do nó vocálico da semivogal para as consoantes /n/ ou // torna segmentos simples em complexo. Assim como Borges (1996) observou ao comparar em dados de aquisição da linguagem e diacronia, verificou-se que na diacronia das soantes palatais os segmentos com traço [+ anterior] passam para [- anterior] e na aquisição da escrita ocorre o processo inverso.

Os processos da diacronia e da aquisição da escrita podem ser entendidos como inversos porque ocorre uma complexificação dos segmentos na evolução das soantes palatais e uma simplificação no processo de aquisição da escrita dessas consoantes. Os resultados obtidos na análise e comparação dos dados deste estudo, embora não possam ser generalizados, corroboram a complexidade que envolve as soantes palatais.

Assim sendo, este estudo atenta para a importância das grafias iniciais, pois a partir delas se pode ter indícios para análises fonológicas e para a relevância dos processos evolutivos da língua. Para mais, salienta-se que se fazem necessários estudos que contemplem diacronia e aquisição da linguagem, visto a importância dessa relação nos estudos linguísticos e a escassez de pesquisas que atendam esse tema.

Referências

BISOL, L. Ditongos derivados: um adendo. In: Seung Hwa Lee. Vogais além de Belo Horizonte. Belo Horizonte: **FALE/UFMG**, 2012. <[http://http://www.lettras.ufmg.br/site/elivros.asp](http://www.lettras.ufmg.br/site/elivros.asp)>

BORGES, P. R. S., **Comparação entre o processo fonológico de assimilação encontrado na diacronia e na aquisição do português**. 1996. 169f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística Aplicada) – Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

CAGLIARI, L.C. **A palatalização em português: uma investigação palatográfica**. 177 f. Dissertação de mestrado em linguística) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1974.

_____. Fonética e ortografia na gramática de Fernão de Oliveira (1536). In: ABAURRE. M. B.; PFEIFFER. C.; AVELAR. J. (orgs.). **Fernão de Oliveira- um gramático na história**. São Paulo: Pontes editores, 2009. Pg. 71- 85.

CALABRESE, A. **Towards a theory of phonological alphabets**. 1988.

CAMARA JR, J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão livraria e editora, 1975.

CLEMENTS, G. **A unified set of features for consonants and vowels**. Cornell University, 1989 (ms).

CLEMENTS, G. HUME, E. V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. (org.). **The Handbook of Phonological Theory**. London: blackwell, 1995.

COUTINHO, I. L. **Pontos de gramática histórica**. 7.Ed. rev. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Tradução Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco, Mário Corso. – Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREITAS, C. C. M. Sobre a aquisição das Plosivas e Nasais. In: LAMPRECHT, R. R. et. al (2004) **Aquisição Fonológica do Português – Perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia**. Porto Alegre: Artmed Editora S.A., 2004, p. 73-81.

GOLDSMITH, John. **Autosegmental Phonology**. Tese (Doutorado, PhD) – Cambridge, Mass.: MIT Press, 1976.

HORA, D.; VOGLEY, A. Fonologia Autossegmental. In: **Fonologia, fonologias: uma introdução**. HORA, D. MATZENAUER, C. L. (orgs.). São Paulo: Contexto, 2017. p. 63-80.

ILARI, R. **Linguística Românica**. 3. Ed. São Paulo: Ática, 2000.

LAPA, R. **Crestomatia Arcaica**. Lisboa: Gráfica Lisboense, 1940.

MASSINI-CAGLIARI, G. **Cancioneiros medievais galego-portugueses**. 1. Ed. São Paulo: WMF Martins fontes, 2007.

MATZENAUER-HERNANDORENA, C. L. A Geometria de Traços na Representação das Palatais na Aquisição do Português. **Letras de Hoje**. Porto Alegre. v.29, nº4, p.1-167, dezembro 1994.

_____. Relações implicacionais na aquisição da fonologia, *Letras de Hoje*, 31 (2). Pg. 67-76, 1996.

MATZENAUER, C. L. Introdução a teoria fonológica. In: BISOL, L. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 2º ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 11- 80, 1999.

_____. Homogeneidade/ heterogeneidade na aquisição e na variação fonológica. In: VANDRESEN, P. (org.). **Variação e mudança no português falado na região sul** – Pelotas: EDUCAT, p. 95- 114, 2002.

_____. As soantes palatais no português brasileiro: uma discussão sobre seu status fonológico. In: GARTNER, Eberhard et. al. (eds.) **Estudos de gramática portuguesa (II)**. Frankfurt am Main: TFM, v. 13, p. 301-321, 2000.

MATZENAUER, C. L.; COSTA, T. Aquisição da fonologia em língua materna: os segmentos. In: FREITAS, M.J.; SANTOS, A. L.; (EDS). **Aquisição da língua materna e não materna: questões gerais e dados do português** – Berlin: Language Science Press, 2017. Cap 3, p. 51-70.

MEZZOMO, C. L.; RIBAS, L. P. Sobre a aquisição das Líquidas. In: LAMPRECHT, R. R. et. al (2004) **Aquisição Fonológica do Português – Perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia**. Porto Alegre: Atmed Editora S.A., 2004, p. 95-109.

MIRANDA, A. R. M. A grafia de estruturas silábicas complexas na escrita de crianças das séries iniciais. In: Sheila Zambello de Pinho. (Org.). **Formação de Educadores: o papel do educador e sua formação**. 1ed.São Paulo: Editora UNESP, 2009, v. 1, p. 409-426.

_____. Informação fonológica na aquisição da escrita. **Revista estudos linguísticos contemporâneos: diferentes olhares**. Editora Cultura Acadêmica, 2013, v. 23.

_____. A fonologia em dados de escrita inicial de crianças brasileiras. *Revista Linguística*, Montevideo, v. 30, dezembro. 2014.

_____. Aquisição da escrita- as pesquisas do GEALE. In: MIRANDA, A. R. M.; CUNHA, A. P. N.; DONICHT, G (orgs.). Estudos sobre aquisição da linguagem escrita. Pelotas: ED. UFPel, 2017. P. 15-50.

_____. Aquisição da Linguagem: escrita e fonologia. In: Lazarotto-Volcão, Cristiane; Freitas, Maria João. (Org.). **Estudos em fonética e fonologia: coletânea em homenagem a Carmen Matzenauer**. Curitiba: CRV, 2018. 396p.

_____, MATZENAUER, C. L. B. Aquisição da fala e da escrita: relações com a Fonologia. In: MIRANDA, A. R. M.; CUNHA, A. P.N. (orgs.). **A aquisição e o ensino da linguagem escrita - Cadernos da Educação**. Ano 19, n. 35 (jan. -abr. 2010) -Ed. UFPel- Pelotas. Pg. 359- 405.

NETO, J. B. A teoria da Linguagem de Fernão de Oliveira. In: ABAURRE. M. B.; PFEIFFER. C.; AVELAR. J. (orgs.). **Fernão de Oliveira- um gramático na história**. São Paulo: Pontes editores, 2009. Pg. 71- 85.

NEUSCHRANK, A. **Do Latim ao Português: um continuum à luz da teoria fonológica**. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade Católica de Pelotas, Pelotas.

NEUSCHRANK, A. **Fonologização na diacronia: do latim ao português Moderno**. 2015. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas.

NOLL, V. **O português brasileiro: formação e contraste: formação e contraste**. 1. ed. São Paulo: Editora Globo, 2008.

NUNES, J. J. N. **Crestomatia arcaica**. 6. Ed. – Lisboa: Editora Livraria Clássica, 1967.

_____. **Compêndio de gramática histórica portuguesa- fonética e morfologia**. 8. Ed.- Lisboa: Editora Livraria Clássica, 1975.

NUNES, T.; BRYANT, P. **Leitura e ortografia além dos primeiros passos**. Tradução Viviane Nickel. - Porto Alegre: Penso, 2014.

SILVA NETO, S. **Fontes do latim vulgar**. 3. Ed. – Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1956.

_____. **História da Língua Portuguesa**. 2. Ed. – Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970.

SILVA, R. V. M. e. **O português arcaico: fonologia**. 4. Ed. – São Paulo: Contexto, 2001.

SPINA, S. (Org.). **História da Língua Portuguesa**. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.

TEIXEIRA, S. de M.; MIRANDA, A. R. M. Descrição e análise dos erros ortográficos referentes à grafia das soantes palatais e discussão sobre seu status fonológico. In: 8º Encontro CELSUL, 2008, Porto Alegre. **Anais do 8º Encontro do CELSUL**. Pelotas: EDUCAT, 2008. V.1. p. 1-9.

TEIXEIRA, S. de M.; MIRANDA, A. R. M. O que os estudos de 2008 a 2010 revelam acerca da grafia das soantes palatais? In: XIX Congresso de Iniciação Científica, XII Encontro de Pós-Graduação e I Mostra Científica, 2010, Pelotas. **Anais do XIX Congresso de Iniciação Científica, XII Encontro de Pós-Graduação e I Mostra Científica**. Pelotas: Editora Universitária/ UFPEL. p. 1-4.

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VASCONCELLOS, J. L. **Lições de filologia portuguesa**. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1959.

VIARO, M.E. Fernão de Oliveira: Precursor dos Estudos Fonológicos. In: ABAURRE, M. B.; PFEIFFER, C.; AVELAR, J. (orgs.). **Fernão de Oliveira- um gramático na história**. São Paulo: Pontes editores, 2009. Pg. 105- 123.

WEINRICH, U; LABOV, W; HERZOG, M.I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. – São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

WETZELS, W. L. Consoantes Palatais como geminadas fonológicas no português brasileiro. **Revista Est. Ling.** Belo Horizonte, v.9, n.2, p. 5-15, jul./ dez. 2000.

WILLIAMS, E. B. **Do latim ao português: fonologia e morfologia histórica da língua portuguesa**. 7. Ed. Rio de Janeiro: Tempos Brasileiros, 2001.